

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FACED)
CURSO DE JORNALISMO**

JHENIFER GONÇALVES DUARTE

**VÂNDALOS OU ATIVISTAS? ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA
SOBRE OS *BLACK BLOCS* NAS MANIFESTAÇÕES “FORA TEMER”**

UBERLÂNDIA

2023

JHENIFER GONÇALVES DUARTE

**VÂNDALOS OU ATIVISTAS? ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA
SOBRE OS *BLACK BLOCS* NAS MANIFESTAÇÕES “FORA TEMER”**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como
requisito parcial para obtenção do título de bacharel
em Jornalismo.

Orientação: Prof(a). Dr(a). Mirna Tonus

UBERLÂNDIA

2023

JHENIFER GONÇALVES DUARTE

**VÂNDALOS OU ATIVISTAS? ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA
SOBRE OS *BLACK BLOCS* NAS MANIFESTAÇÕES “FORA TEMER”**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da
Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como
requisito parcial para obtenção do título de bacharel
em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

**Profa. Dra. Mirna Tonus – FACED/UFU
(Orientadora)**

**Prof. Prof. Dr. Marcelo Marques Araújo
FACED/UFU
(Examinador)**

**Dra. Raquel Dornelas da Costa Silva
UFMG
(Examinadora)**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

D812 Duarte, Jhenifer Gonçalves, 2000-
2023 VÂNDALOS OU ATIVISTAS? ANÁLISE DA COBERTURA
MIDIÁTICA SOBRE OS BLACK BLOCS NAS MANIFESTAÇÕES "FORA TEMER"
[recurso eletrônico] / Jhenifer Gonçalves Duarte. -2023.

Orientadora: Mirna Tonus.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Uberlândia, Graduação em Jornalismo.

Modo de acesso: Internet. Inclui
bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Jornalismo. I. Tonus, Mirna, 1968-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em
Jornalismo. III. Título.

CDU: 70

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2: Gizele
Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por ter me tornado exceção. No futuro, espero que o acesso à educação superior para alunos de escola pública deixe de ser só um sonho.

Muito obrigada aos amigos que compartilharam tanto comigo nos últimos anos. Amo vocês.

Por fim, agradeço à Mirna por toda sua paciência e confiança em mim e neste trabalho.

Há todo um velho mundo ainda por destruir e todo um novo mundo a construir. Mas nós conseguiremos, jovens amigos, não é verdade?

Rosa Luxemburgo

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo geral analisar como a tática *Black Bloc* fora enquadrada nos veículos El País, Folha de S. Paulo e VEJA durante as manifestações “Fora Temer”, a partir da teoria do enquadramento. Para atingir a finalidade da pesquisa, conceitos como anarquismo, movimentos antissistêmicos, violência performática, midiativismo e outros foram trabalhados a fim de elucidar e expandir a temática para um campo mais amplo. O percurso metodológico, baseado nas contribuições de Rothberg (2014) sobre a teoria do enquadramento, parte da ideia que um *framing* interpreta e organiza a realidade a partir da escolha, exclusão e destaque de determinados aspectos e informações. Nesse sentido, analisar o enquadramento da tática nas publicações selecionadas segue determinada concepção, partindo das categorias empregadas pelo mesmo autor para compreender os materiais a partir desse eixo, que são: quadros de conflito; jogo; episódicos; e temáticos. Isso posto, a monografia contextualiza as raízes da tática *Black Bloc*, sua aparição na mídia, conflitos da vivência e experiência jornalística durante atos de protesto, identificando, assim, os enquadramentos impostos nas narrativas sobre a tática durante as manifestações “Fora Temer” nos veículos escolhidos.

Palavras-chave: *Black Bloc*; Fora Temer; enquadramento; protestos.

ABSTRACT

This monograph has the general objective of analyzing how the Black Bloc tactic was framed in the vehicles El País, Folha de S. Paulo and VEJA during the “Fora Temer” protests, based on the theory of framing. To achieve the purpose of the monograph, concepts such as anarchism, anti-systemic movements, performance violence, mediativism and others were worked on in order to elucidate and expand the theme to a broader field. The methodological course, based on Rothberg's (2014) contributions on framing theory, starts from the idea that a framing interprets and organizes reality from the choice, exclusion and highlighting of certain aspects and information. In this sense, analyzing the tactic's framework in the selected publications follows a certain conception, starting from the categories used by the same author to understand the materials from this axis, which are: conflict frames; game; episodic; and thematic. That said, the monograph contextualizes the roots of the *Black Bloc* tactic, its appearance in the media, conflicts of life and journalistic experience during protest acts, thus identifying the frameworks imposed in the narratives about the tactic during the “Fora Temer” protests in the vehicles selected.

Keywords: *Black Bloc*; Fora Temer; framing; protests.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Arte com explicação sobre o que é a tática Black Bloc	16
Figura 2 - Print do título da coluna.....	37
Figura 3 - Print de trecho da coluna	38
Figura 4 - Print do trecho da coluna	39
Figura 5 - Print de trecho da coluna	39
Figura 6 - Print de trecho da coluna	40
Figura 7 - Print de trecho da coluna	41
Figura 8 - Print do título da reportagem	42
Figura 9 - Print de trecho da reportagem.....	43
Figura 10 - Print de trecho da reportagem.....	43
Figura 11 - Print de trecho da reportagem	44
Figura 12- Print de trecho da reportagem.....	45
Figura 13 - Print do título da notícia.....	46
Figura 14 - Print de trecho da notícia	47
Figura 15 - Print de trecho da reportagem.....	48
Figura 16 - Print do título da notícia.....	49
Figura 17 - Print de trecho da notícia	50
Figura 18 - Print do título da notícia.....	51
Figura 19 - Print de trecho da notícia	52
Figura 20 - Print do título da reportagem	53
Figura 21 - Print de trecho da reportagem.....	54
Figura 22 - Print do título da reportagem	55
Figura 23 - Print de trecho da reportagem.....	56
Figura 24 - Print de trecho da reportagem.....	57
Figura 25 - Print de trecho da reportagem.....	57
Figura 26 - Print do título da coluna.....	59
Figura 27 - Print de trecho da coluna	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Publicações escolhidas para análise	35
Quadro 2 - Categorias da análise de enquadramento	36
Quadro 3 - Resultado da análise	61

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A TÁTICA BLACK BLOC E A MÍDIA	15
2.1 AS RAÍZES DA TÁTICA	15
2.2 ANARQUISMO E MOVIMENTOS ANTSSISTÊMICOS	18
2.3 BLACK BLOC E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA.....	20
2.4 BLACK BLOC NA MÍDIA BRASILEIRA	22
3 A CONSTRUÇÃO DO COLETIVO	26
3.1 COBERTURA DE MANIFESTAÇÕES	28
3.2 MEDIATIVISMO E MIDIALIVRISMO	31
4 METODOLOGIA E ANÁLISE.....	34
4.1 PERCURSO METODOLÓGICO	34
4.2 ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES - EL PAÍS.....	36
4.2.1 “Black Blocs, os corpos e as coisas”	36
4.2.2 “Black Bloc: a tática fugidia que desnor-teia e assusta SP”	41
4.2.3 “Atos contra temer e contra os Jogos”	45
4.3 ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES - VEJA.....	48
4.3.1 “Protesto contra temer termina em confusão em SP”	49
4.3.2 “Black Blocs vandalizam centro de São Paulo em ato contra Temer”	50
4.4 ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES - FOLHA DE S.PAULO	52
4.4.1 “Movimentos de esquerda se dizem contrários a tática ‘Black Bloc’”	52
4.4.2 “Os Black Blocs de agora não são os mesmos daquele junho”	55
4.4.3 “A arma mais forte será ampliar a não cooperação com o governo”	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	66

1 INTRODUÇÃO

Entre os dias 26 e 31 de agosto de 2016, a Sessão de Julgamento ordenada pelo presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que Dilma Rousseff, até então presidenta do país, estaria inabilitada a ocupar cargos públicos pelos oito anos seguintes pelo crime de pedalada fiscal. No dia 31 de agosto, após a decisão do *impeachment*, Michel Temer, vice de Rousseff, foi empossado no cargo (BLUME, 2016). Deu-se, então, início ao Governo Temer.

A insatisfação da população com os últimos acontecimentos no cenário político se mostrou imediata e as ruas foram tomadas por ativistas portando cartazes que pediam a anulação do *impeachment* de Rousseff, acusações de golpe, a volta das “Diretas Já” e claro, o fim do atual Governo. Os protestos reuniram todos os tipos de pessoas: professores, estudantes, sindicalistas, ativistas do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), militantes do Movimento Passe Livre (MPL), jornalistas e pesquisadores. A maioria acreditava em uma manifestação pacífica e ordenada, mas um grupo se destacou pela completa ruptura desse sistema: os *Black Blocs*. Em tradução literal, “*Black Bloc*” significa bloco negro; a autodenominação de bloco se dá pela heterogeneidade dos participantes e pela forma de organização “desordenada” e sem hierarquia.

A ênfase na cor negra significa a incorporação de roupas e acessórios de proteção aderidos pelos ativistas nessa tonalidade, que dificulta a identificação pela polícia e dá força a noção de um bloco conjunto. *Black Bloc*, é portanto, uma tática articulada no qual se recusa a pacificidade, a ordem e a disciplina nas manifestações. É na violência proposital que os manifestantes encontram uma forma viável de protesto.

Através da ação social intersubjetiva, os *black blocs* constroem um significado particular de violência, contextualizado a partir da percepção da estrutura de oportunidades políticas. Partindo da percepção dos *black blocs* sobre a ineficácia das instituições políticas e modelos formais de representação e “não violentos” de ação coletiva, os integrantes realizam uma tática particular de contraponto frente a modelos clássicos de mobilização e disputa da arena política. (MATHEUS, 2013, p. 18).

Os *Black Blocs* tampouco surgiram no Brasil ou tiveram sua primeira aparição nas manifestações de 2016. A história da tática é antiga e sua presença começou a ganhar destaque na mídia em 2013, nos atos que ficaram conhecidos como “jornadas de junho”. Os manifestantes adeptos à tática se destacaram dos demais, colocando nos holofotes um

questionamento até então pouco levantado: a violência, enquanto performance, é justificável?

Nesse sentido, partindo dessas questões, na pesquisa desenvolvida para esta monografia, buscamos entender quais são os tensionamentos e os enquadramentos presentes na cobertura da atuação dos *Black Blocs* nas manifestações “Fora Temer” no El País, Folha de S. Paulo e revista VEJA, a partir de uma série de conceitos e características que permitem ampliar esse tema para uma discussão histórico-social e política.

Escolhemos analisar o período de 2016 devido às mudanças sociais que o antecederam, como os protestos de 2013, que já havia proporcionado um pano de fundo conflituoso para a aparição dos adeptos dessa tática na mídia. Dados os tensionamentos passados, a construção dos enquadramentos sobre os *Black Blocs* nos veículos de comunicação estava ainda em curso e, por isso, apresenta um caminho interessante a ser estudado.

Além disso, ainda que exista um número considerável de pesquisas cujo objetivo é analisar a aparição da tática *Black Bloc* nos jornais brasileiros (SOLANO, MANSO, NOVAES, 2014; DORNELAS, 2016), este estudo é, em sua maior parte, restrito ao período de 2013 a 2014. Diante disso, a análise no contexto do “Fora Temer” surge de um campo ainda pouco explorado.

Os materiais analisados estão presentes na edição brasileira do jornal eletrônico El País, que hoje não está mais em curso, na edição *on-line* da Folha de S. Paulo e na versão online da revista VEJA, datados do ano de 2016. Essa escolha é pautada na variedade de material encontrado sobre o tema, nos quais se enfatizava a presença dos adeptos à tática nas manifestações, atribuindo-lhes um papel de destaque no desenrolar dos atos.

Diante disso, podemos pensar a midiaticização da tática *Black Bloc* nos veículos jornalísticos do país como um fenômeno repleto de disputas (política, social, histórica, econômica), o que implica sua relevância social e acadêmica, visto que:

Foi nesse sentido que as nomeações, classificações ou categorizações ganharam tanta importância na disputa de sentido sobre a tática *black bloc*. Ao dizer que um ato é violência, vandalismo, fascismo, quebra-quebra ou baderna, acabamos enquadrando-o em um determinado lugar socialmente aceito e que goza de significados coletivamente compartilhados. Mas, se dissermos que essa mesma tática é uma performance política, uma reação, uma resistência ou uma atitude de proteção, deslocamos sentidos e acionamos outros valores, suscitando

novos posicionamentos dos sujeitos. (DORNELAS; FRANÇA, 2016).

Para entendimento completo desta monografia e dos caminhos conceituais escolhidos para atingir o objetivo final da pesquisa, é válido frisar que, embora a finalidade seja de analisar a aparição da tática *Black Bloc* no contexto “Fora Temer”, serão utilizados estudos que retratam a tática durante as manifestações de junho de 2013. Isso porque, como mencionado anteriormente, são escassos os trabalhos que direcionam as pesquisas para os acontecimentos do ano 2016 e que interseccionam os mesmos conceitos e temas escolhidos para esta monografia.

Isso posto, o primeiro capítulo teórico retoma as raízes da tática *Black Bloc* interseccionando conceitos como anarquismo, movimentos antissistêmicos, violência performática, além de contextualizar a midiaticização da tática nos protestos de 2013. O segundo aborda perspectivas sociais e aquelas ligadas à performance jornalística, como a construção identitária do coletivo e as mudanças do jornalismo a partir da cobertura de manifestações, abordando, também, conceitos como midiativismo e mídia livre. O capítulo seguinte é voltado a desenvolver o percurso metodológico adotado na pesquisa e a análise dos materiais jornalísticos, a partir da contribuição de Rothberg (2014) referente à teoria do enquadramento. Por fim, a última seção apresenta as considerações finais da monografia, articulando o caminho percorrido durante o estudo aos resultados da análise.

2 A TÁTICA *BLACK BLOC* E A MÍDIA

Este capítulo tem como propósito resgatar o contexto histórico-social da tática *Black Bloc*, elucidando aspectos fundamentais para compreender a amplitude da temática, como suas ligações com o movimento anarquista e antissistêmico e o significado de violência performática no campo das manifestações. Além disso, será traçado um panorama sobre o contexto de maior aparição da tática na mídia brasileira, as jornadas de junho de 2013. Compreender esses tópicos será de suma importância para traçar o marco inicial desta monografia.

2.1 AS RAÍZES DA TÁTICA

Compreender a história e o surgimento do *Black Bloc* é o marco inicial deste trabalho. Para Francis Dupuis-Déri (2006, p. 68), a primeira aparição de ativistas adeptos à tática teria sido em Berlim Ocidental “durante o inverno de 1980, quando três policiais evacuaram brutalmente prédios ocupados por militantes do movimento autonomista”. O movimento em questão reunia militantes de distintas vertentes: feministas, marxista-leninistas, anarquistas, ambientalistas e outros grupos que se articulavam e se organizavam em uma política horizontal, sem representantes ou líderes, e buscavam liberdade econômica e social de grupos marginalizados, além de combaterem fisicamente neonazistas, policiais violentos e racistas (MIRANDA, 2014). (Figura 1).

Figura 1- Arte com explicação sobre o que é a tática *Black Bloc*



Fonte: Página do *Black Bloc* São Paulo no Facebook

Para além disso, o *Black Bloc* pode ser entendido enquanto tática de ação direta, que, para Marcelino (2017), tem raízes ligadas à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e à organização da classe operária durante a Revolução Industrial. O movimento reforçava a importância das paralisações e greves na reivindicação de pautas para a melhora da vida social dessa parcela trabalhadora. Sobre essa definição, Dupuis-Déri (2016, p. 75) afirma:

A ação direta deve permitir sair de um papel de vítima passiva, mudar o modo de pensar com relação à cidade, à propriedade e à política, mas o engajamento não deve se limitar à participação pontual em manifestações, e é por isso que muitos participantes dos *black blocs* realizam um trabalho militante no dia a dia.

Nesse sentido, Ludd (2002, p. 71) acredita que a tática busca a recusa de políticas reformistas e de ordem disciplinatória, na qual os “*Black Blocs* praticam uma desobediência civil ativa e a ação direta, afastando assim a política do teatro virtual

perfeitamente domesticado”. Para “ser” um *Black Bloc* e se juntar ao bloco nas manifestações, é preciso integrar a unidade vestindo-se de preto e cobrindo o rosto, tática adotada para dificultar ao máximo o reconhecimento dos manifestantes pelos órgãos de autoridade. O *Black Bloc* não é linear, não segue diretrizes e possibilita distintas formas de integralização na hora das manifestações:

Alguns grupos optam por ações ofensivas (e então usam bastões, estilingues, bolas de bilhar, coquetéis Molotov, etc.) ou defensivas (escudos, plastrões, luvas, máscaras antigas, etc.), outros se especializam em ações de apoio: efetuam operações de reconhecimento e de comunicação (bicicletas, walkie-talkies, telefones celulares); formam um corpo de enfermeiros voluntários (com equipamento necessário para aliviar as vítimas de gás lacrimogênio e pimenta, e administrar os primeiros socorros aos feridos), ou têm como tarefa cuidar do ânimo das “tropas” com música. (DUPUIS-DÉRI, 2016, p. 71).

No que tange às características dos integrantes adeptos à tática, é difícil estabelecer padrões específicos. É possível dizer que os militantes vêm de um histórico prévio de ativismo em organizações sindicais e estudantis. Dupuis-Déri (2006, p. 70) diz que esse grupo é composto por jovens na casa dos 20 anos e com experiência na causa militante, em sua maioria, “nos jornais radicais e grupos de luta contra o racismo, contra a brutalidade policial ou pelos desempregados”.

A tática ganhou destaque considerável durante as manifestações antiglobalização ao redor do mundo¹. O fator distintivo que separa o *Black Bloc* das demais táticas de ação e manifestação é a recusa da pacificidade e disciplina durante os atos. É na insubordinação e na violência (ainda que não exclusivamente) que o movimento ganha força e impacto: “Quebrando a rotina e a tranquilidade dos que dirigem e comandam a economia e a política, demonstram (pelo menos em certo período e espaço) a ausência daquilo que mantém as coisas em ordem e o capitalismo em vigor: a disciplina” (LUDD, 2002, p. 11).

A partir da compreensão de aspectos gerais sobre o *Black Bloc* apresentados nesta subseção, será trabalhado, na próxima, a relação entre anarquismo e os movimentos antissistêmicos como vertentes relacionadas diretamente à atuação dos ativistas adeptos à tática.

¹ O movimento antiglobalização foi uma série de manifestações na década de 1990 contra o avanço do neoliberalismo e o capitalismo (LIBERATO, 2003).

2.2 ANARQUISMO E MOVIMENTOS ANTSSISTÊMICOS

Dupuis-Déri (2016, p. 70) resgata a conexão entre o *Black Bloc* e os ideais anarquistas quando afirma que essa aproximação “não se deve ao seu potencial violento, mas ao fato deles funcionarem de modo igualitário e libertário. Em outras palavras, sua estrutura e processo de tomada de decisão são não autoritários e não hierárquico”. Nem todo ativista que adere à tática *Black Bloc* deve ser, obrigatoriamente, anarquista. No entanto, as duas vertentes dividem opiniões semelhantes, ainda que não em sua totalidade, a respeito do direito à propriedade privada e da objeção a atos conformistas e disciplinados.

Pode-se interpretar a Anarquia de modo negativo ou positivo. Ela é amiúde condenada sob o pretexto de que conduz ao caos, que a liberdade depende da autoridade, que a sociedade depende do Estado, que a ordem depende de outras ordens, as regras de governantes e a lei de legisladores. Ela pode, bem ao contrário, ser positivamente esperada, pois permitiria à sociedade libertar-se do jugo do Estado e à humanidade da autoridade, ao mesmo tempo encorajando a espontaneidade, a autogestão, o apoio mútuo e a liberdade autêntica. O anarquismo é a teoria política do que denominaremos anarquia positiva. (WALTER, 2009. p. 9).

O movimento anarquista, segundo Walter, está assegurado sobre quatro elementos principais: econômico, político, social e individual. O primeiro refere-se a ser contra a criação de monopólio sobre a propriedade; o segundo, do monopólio da autoridade. O elemento social se diz favorável à construção de uma sociedade que tem como princípio fundador a liberdade, a igualdade e a fraternidade, e, por fim, quanto ao individual, é reafirmada a necessidade de supressão da autoridade nas relações do cotidiano (WALTER, 2009).

A tática *Black Bloc* se sustenta na definição de que a violência causada pelos manifestantes é teatral, uma espécie de performance. É no sentido de mostrar que a depredação de símbolos da soberania capitalista não é equivalente à violência que acomete os cidadãos todos os dias. Solano (2014) acredita haver um paradoxo na compreensão das situações, onde duas lógicas distintas de se pensar a violência é formada. “Num país onde a taxa de 50 mil homicídios por ano é algo natural e não provoca sobressalto ou arrebatos, todo mundo parou para observar, boquiaberto, a violência *Black Bloc*, como numa histeria coletiva. Por quê?” (SOLANO; MANSO; NOVAES, 2014, p.

81).

O uso da violência é assunto não unânime entre os anarquistas, sendo que alguns acreditam que a demonstração da força bruta é uma contínua forma de opressão e repressão e outros aceitam “o princípio da existência inevitável da violência como um dos elementos de toda mudança radical nas sociedades humanas. Alguns aclamaram a violência como arma essencial na luta contra a força armada do Estado” (WALTER, 2009, p. 7).

Para Deusen (2010), os militantes adeptos ao *Black Bloc* podem se considerar anarquistas justamente pela recusa em seguir determinadas linhas de pensamento ou ação já comumente instauradas em outras correntes de protesto:

Não são amigos das análises autoritárias dos vários partidos comunistas, não são muitas vezes motivados pela fome (encontra-se muita comida nos caixotes do lixo do Tio Sam) e não limitam as suas reivindicações e visão social à igualdade material. Eles pedem um repensar e reorganizar a sociedade de acordo com linhas que desafiam a própria base fundamental da civilização ocidental contemporânea. Eles são anarquistas!. (DEUSEN, 2010, p. 11, tradução nossa²).

Entender a diversidade dos movimentos de combate ao sistema vigente e protestos sociais se mostra imprescindível para compreender, da forma mais abrangente possível, a emergência do *Black Bloc* enquanto tática anticapitalista com raízes anarquistas. Por isso, também se entende o coletivo como parte de um movimento denominado como “antissistêmico”, como afirma Rojas (2013, p. 1):

O conceito de ‘movimentos antissistêmicos’ foi cunhado por Immanuel Wallerstein nos anos setenta do século XX, para tratar de englobar em um só termo as duas famílias principais dos movimentos sociais, que se desenvolveram e se afirmaram durante o século XIX, e que são, de um lado, todos os movimentos sociais e socialistas surgidos nos países centrais e semiperiféricos do sistema-mundo, e de outro, o conjunto de movimentos nacionalistas, anticolonialistas e de liberação nacional desenvolvidos na grande maioria das nações da vasta

² They are not friendly to the authoritarian analysis of the various communist parties, they are not often motivated by hunger (one can find lots of food in the trash bins of Uncle Sam) and they do not limit their demands and social vision to material equality. They call for a re-thinking and re-organizing of society along lines which challenge the very fundamental basis of contemporary western civilization. They are anarchists!

periferia desse mesmo sistema-mundo capitalista.

Nesse ideal, para Rojas (2013), há uma amplitude de movimentos e categorias de protestos sociais, os quais se diferenciam de acordo com o lugar social de cada grupo (estudantes, operários, camponeses) e, devido a isso, as pautas reivindicadas dialogam com cada realidade. Para o autor, pensar em um movimento antissistêmico implica, primeiramente, entender a raiz do sistema ao qual se é antagônico:

No entanto, e tratando de continuar a nossa definição do que é e o que pode conotar o termo movimento antissistêmico, podemos perguntar novamente: se a luta é contra o sistema, a qual sistema particular nos referimos? E se a resposta, totalmente legítima e relevante, for a que aponta o sistema capitalista, também é possível (recuperando um denso e pouco lembrado argumento de Marx), postular que a luta contra o capitalismo, se volta também e necessariamente numa luta simultânea contra os outros sistemas sociais que o sustentam e o apoiam, sendo subjacentes ou complementares ao mesmo. (ROJAS, 2013, p. 10).

Entende-se que “o *Black Bloc* é uma tática de enfrentamento anticapitalista na luta das ruas contra os poderes instituídos pelas autoridades e que se faz totalmente contra o princípio da dominação” (LUDD, 2002, p. 135). Assim, segundo Santos (2014), os *Black Blocs* teriam herdado da contracultura uma visão crítica ao modo de vida burguês e, por isso, teriam reações violentas (quebrando lojas e bancos) e, do anarquismo, a aversão ao Estado; por isso, organizam-se para enfrentá-lo.

Nesse sentido, uma vez que a tática é idealizada a partir da insubordinação e recusa da pacificidade, fazendo uso da violência a fim de destruir símbolos da soberania capitalista, faz-se necessário compreender a ideia da violência performática/simbólica no contexto das manifestações.

2.3 BLACK BLOC E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Como dito, uma das principais características que diferem a tática *Black Bloc* das demais formas de manifestação é o uso da violência como forma de protesto. Essa ação, como explicado por Solano, Manso e Novaes (2014, p. 78), é fundada na perspectiva da violência-espetáculo que busca provocar uma atitude “que exterioriza a crença de que os canais de diálogo convencionais são inúteis, nulos, fracassaram porque o poder não está

disposto a escutar”. Em uma de suas entrevistas com os adeptos à tática durante as manifestações de 2013, uma jovem de 22 anos explicou as motivações do coletivo:

Se não se faz violência, não se chama a atenção...Eles não enxergam nossa revolta. É só com violência que o governo escuta. Não sei, é como se fosse um espetáculo. Se a gente quer ser ouvido, vai ter que jogar para o espetáculo. É a única forma de provocar uma reação. Por isso, fizemos a ação direta no centro da cidade, na avenida Paulista. Se fossemos para a periferia ninguém escutaria, nenhum jornal ia junto. Aqui, sim, a gente chama a atenção. (SOLANO; MANSO; NOVAES, 2014, p. 78).

Nessa perspectiva, a violência é a porta de entrada para ser ouvido. É com desordem, indisciplina e símbolos capitalistas em ruínas que os ativistas fazem com que seu direito de serem vistos seja assegurado. Os autores chamam atenção para a reflexão que a tática provoca: “[...] por que nos espantamos com uma violência e achamos normal a outra? Por que não vemos uma e hiperdimensionamos a outra?” (SOLANO; MANSO; NOVAES, 2014, p. 81). Essa articulação expõe um dos principais pontos levantados pela tática, o de que a verdadeira violência é aquela assegurada pelo Estado.

Avelino (2014) diz que a democracia e a lei são formas de dominação política e que a verdadeira violência que o Estado não aceita é aquela que questiona seu estado de dominância. “Violento é sempre o Estado: aumentar a tarifa é violência, do mesmo modo como são violências a ‘cura gay’ e o estatuto do nascituro. Manifestar-se contra eles é autodefesa” (AVELINO, 2014, p. 11).

O que levaria jovens a colocarem seus próprios corpos em risco em combates violentos com a polícia, nessa busca de, então, performar a violência? Para esse autor, a resposta está na recusa irremediável da tranquilidade e do que ele chama de "obediência segura" (AVELINO, 2014, p. 21). O alvo dos adeptos à tática são, em confronto direto, símbolos da soberania capitalista. Ludd (2002, p. 124), sobre esse cenário, afirma:

Estimulando por todos os lugares uma rede de não-violentos mais histéricos diante de um Mc Donald's demolido do que diante das descrições de inumeráveis mortes e de sinistras torturas das ditaduras financeiras através de seus próprios impostos, os grandes sacerdotes do Capital tiveram a sorte então de esconder esses desagradáveis desmancha-prazeres anarquistas que vêm (enfim!) lançar uma magnífica pedra na exibição sangrenta da mercadoria -espetáculo.

Compreendido o panorama inicial sobre o *Black Bloc* e suas especificidades, a partir daqui, será analisado o período mais expressivo em que a tática ganhou destaque

na mídia brasileira, as Jornadas de Junho de 2013.

2.4 *BLACK BLOC* NA MÍDIA BRASILEIRA

As Jornadas de Junho, como ficaram conhecidas as manifestações que ocorreram em todo o território nacional em 2013, contra o aumento das passagens do transporte público, se configuram como um dos maiores atos políticos da história moderna do país (JÚNIOR, 2013; BARBOSA, 2016). Os atos foram idealizados pelo Movimento Passe Livre (MPL) e tiveram como estopim o aumento de R\$ 0,20 na passagem do transporte público da cidade de São Paulo.

O primeiro ato ocorreu no dia 6 de junho de 2013 e levou às ruas cerca de 5 mil estudantes. A repressão policial foi incisiva e, como resposta, o MPL puxou outra manifestação para o dia seguinte, na qual reuniu o dobro de pessoas (JÚNIOR, 2013). Os atos continuaram de maneira uniforme e foi só na quinta concentração, que ocorreu no dia 17 de junho, que a bolha apareceu estourar. O ato reuniu cerca de 250 mil pessoas na cidade de São Paulo e ganhou repercussão devido a uma onda de solidariedade desencadeada pela contínua e violenta repressão policial aos manifestantes (HARVEY et al., 2013). No entanto, esse apoio teria um caráter ambíguo:

O ataque a jornalistas e a um movimento com a aparente composição social de “classe média” pode ter facilitado a solidariedade ao movimento. Acompanhando seu mercado, a direita midiática se viu forçada a apoiar os manifestantes - mas com sua própria pauta. Por isso, o decisivo não foi a violência, tão natural contra trabalhadores organizados, e sim sua apropriação pela imprensa. (HARVEY et al., 2013, p. 74).

O prefeito e o governador da cidade de São Paulo à época, Fernando Haddad e Geraldo Alckmin, revogaram, no dia 19 de junho de 2013, o aumento do preço da passagem de ônibus, trem e metrô, que voltaria a custar R\$ 3,00 e não mais R\$ 3,20. Dessa forma, os protestos foram diminuindo a ocorrência de forma gradual, até que os ânimos da população fossem apaziguados. De forma geral, as mobilizações que ocorreram em junho de 2013 se expandiram para algo maior que o MPL, que, em definição própria, “jamais se pretendeu ser dono de qualquer uma delas” (HARVEY et al., 2015, p. 17).

No ínterim das manifestações contra o aumento das passagens – atos esses que

reuniram uma pluralidade de ativistas, em que a grande maioria se configurava como jovens estudantes (BARBOSA, 2016) –, um grupo em específico se articulava nas ruas de forma singular: “os” *Black Blocs*. A maior parte dos jovens que compunham o movimento era:

Filhos daquela “classe C”, “classe consumidora”, que começou a ter poder de compra depois do lulismo. Jovens cujos pais viveram uma situação econômica complicada, mas já eles (os jovens) puderam ter acesso à universidade (geralmente particular), trabalhando para pagá-la ou aderindo a programas como o Fies ou Proni. Osasco, Grande ABC, Brasilândia... Jovens que não nasceram no berço esplêndido prometido pela História, mas tampouco nas sombras do sistema. Estudam, trabalham desde os catorze, quinze anos, sabem o que é uma vida esforçada, mas ao mesmo tempo têm acesso ao estudo, à informação e à crítica. (SOLANO; MANSO; NOVAES, 2014, p. 46).

Nesse cenário, a adesão à tática teria surgido como “resposta” à truculência policial e às medidas autoritárias tomadas naquele período, sendo uma “reação mais radical à situação verificada nas jornadas de junho e, mais especificamente, uma consequência dos enfrentamentos com a polícia durante aqueles dias” (SOLANO; MANSO; NOVAES, 2014, p. 49).

Barbosa (2016, p. 4) reforça o papel dos meios de comunicação na representação dos jovens ativistas durante os protestos, já que “a mídia também constrói, inventa e institui determinadas identidades jovens, naturalizando certas imagens e estereótipos que são incorporados às suas narrativas”. Dessa forma, a autora propõe entender a representação dos ativistas nas reportagens veiculadas na Folha de S. Paulo e na revista *Veja* durante o mês de junho de 2013 a partir de quatro vertentes: “O jovem como manifestante; o jovem como vândalo; o jovem como *Black Bloc* e o jovem como produtor midiático ‘Ninja’” (BARBOSA, 2016, p. 5).

Sendo assim, partindo da primeira seção, ela afirma que a palavra utilizada para se referir aos participantes dos protestos, de forma generalizada, fora “manifestantes”. Para a autora, é como se essa denominação fosse um “nome-raiz” e, a partir de novos desenrolares durante os atos, outras definições surgiriam a partir dessa. Na perspectiva da *Veja*, os manifestantes estariam “desperdiçando” seu tempo indo a protestos violentos, quando poderiam estar em atividades de lazer. A revista faz alusão ao caráter agressivo das manifestações, enfatizando que os ativistas eram “vândalos profissionais”:

Portanto, o que de fato chocou e causou estranhamento à revista foram os milhares de jovens que poderiam tranquilamente estar desfrutando de práticas de lazer e consumo tão comuns para certa parcela da juventude da cultura pós-moderna, mas que optaram por outra programação. Moças e rapazes “normais”, que resolveram ir às ruas protestar junto aos denominados “vândalos profissionais”. É como se Veja dissesse: com tantas opções de entretenimento, esses jovens não têm nada melhor para fazer do que ir para as ruas protestar e causar desordem? Aqui, percebo como a visão da Revista sobre a juventude atual está profundamente atrelada a práticas de lazer e consumo, como ir ao cinema, à balada ou ao shopping. (BARBOSA, 2016, p. 6)

Com relação à perspectiva do manifestante enquanto “vândalo”, Barbosa apresenta algumas reflexões sobre a cobertura da Folha, principalmente, o caráter ambíguo e mutável dos textos, no qual, ora as narrativas propagadas pelos veículos “surgiram de forma resistente em relação à atuação dos manifestantes e a favor das forças policiais, ora se posicionaram de maneira crítica à repressão policial e mais neutra no que diz respeito à atuação dos jovens participantes” (BARBOSA, 2016, p. 8). Nesse contexto, a Folha transitou entre atribuir a culpabilidade dos eventos na cidade aos manifestantes e aos policiais, mudando de acordo com os acontecimentos do dia e a recepção da audiência.

Já na perspectiva do “jovem como *Black Bloc*”, a autora analisa a cobertura da Veja durante os protestos, na qual a revista denomina os jovens como “o bando dos caras tapadas” (BARBOSA, 2016, p. 11). Nesse contexto, o veículo buscava entender o perfil dos jovens que compareceram nas manifestações; em um dos textos, a revista afirma que “jovens da periferia, punks e até universitárias de tênis Farm compõem o bando” (apud BARBOSA, 2016, p. 11). A autora afirma que o destaque dado pela revista à estudante que usava uma peça de grife nas ações expõe uma lógica em que qualquer fuga do imaginário ideal, do que seria um “verdadeiro” anarquista-militante, ganharia uma exposição exagerada. Na perspectiva da pesquisadora, a revista delibera à figura dos *Black Blocs* a imagem de pessoas perigosas, que propagam o caos e são responsáveis pela violência em massa (BARBOSA, 2016, p. 12), enfatizando a necessidade de uma repressão policial mais efetiva e com mais rigor.

“O jovem como ‘Ninja’” intersecciona as novas formas de cobertura jornalística em manifestações com grupos de mídia alternativa que ganharam visibilidade durante as jornadas de junho, como o coletivo Mídia Ninja — Narrativas Independentes, Jornalismo

e Ação. Essa denominação coloca o jovem como protagonista da ação, que a autora define como “produtor midiático” (p. 12).

Ao se destacar com uma proposta de jornalismo independente e ativista, e ao realizar a cobertura ao vivo dos protestos através de smartphones e redes 4G e 3G, o Mídia Ninja integra a materialidade das novas configurações de mobilizações pós-modernas. Mobilizações estas marcadas profundamente pelo uso das novas tecnologias, mobilidade e disseminação de informações instantâneas nas redes sociais. (BARBOSA, 2016, p. 14)

Os brasileiros adeptos ao *Black Bloc* não surgiram em junho de 2013, mas é possível afirmar que esse período foi responsável por colocá-los em destaque na grande mídia. Os meios de comunicação reproduziram uma pluralidade de representações acerca dos jovens, como definido por Barbosa (2016, p. 16): “[...] as imagens e interpretações sobre os jovens e as manifestações muitas vezes se misturam, se confundem, se mesclam, o que denota a cambiante proliferação discursiva da mídia para dar conta das identidades jovens nas circunstâncias das manifestações”.

Até aqui, foram tratados aspectos gerais e específicos sobre a tática, como sua articulação com outros movimentos sociopolíticos e também a sua aparição na mídia brasileira durante os protestos de 2013. O próximo capítulo será voltado a entender como se dá a construção identitária do coletivo, a partir de conceitos como o de multidão (HARDT e NEGRI, 2004), além de correlacionar as novas configurações da prática jornalística a partir da cobertura de manifestações atrelada às perspectivas do midiativismo e da mídia livre.

3 A CONSTRUÇÃO DO COLETIVO

Para Calhoun (apud CASTELLS, 1999, p. 54), entende-se por identidade a experiência de um povo, de forma que haja distinção entre o eu e o outro, ainda com as culturas que regem a construção de uma noção coletiva. Castells (1999, p. 55) afirma que a construção da identidade se dá pela "matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, por instituições produtivas e reproduzidas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso". E que, a partir disso, os indivíduos, grupos sociais e sociedades processam e reorganizam essas relações em detrimento de tendências sociais e projetos culturais, assim como sua percepção de espaço/tempo. O autor propõe três formas e origens de construção de identidades, sendo uma delas a de **identidade de resistência**:

Criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo, opostos a estes últimos. (CASTELLS, 1999, p. 56).

Nesse sentido, é importante entender a construção de uma identidade coletiva a partir das manifestações de junho de 2013. Na segunda subseção do primeiro capítulo desta monografia (pág 23), destinada exclusivamente a analisar a aparição dos *Black Blocs* na mídia durante as jornadas de junho, foi explicitado que os ativistas desse período reuniram ativistas e militantes de todos os segmentos e espectros, com e sem vínculos com organizações políticas, sindicatos ou outros coletivos. Essa constatação é de extrema relevância para os próximos levantamentos acerca da construção de uma identidade coletiva pertencente aos manifestantes.

Partindo das ideias de Bennett e Segerberg (2012 apud MENDONÇA, 2017, p. 136), que analisam diferentes protestos atuais de grande destaque como o *Occupy Wall Street*, Indignados da Espanha e os movimentos brasileiros, utiliza-se o conceito de ação conectiva para explicar as motivações das mobilizações. Para os autores, as razões dos protestos se deram pela falta da organização em um sentido convencional, além da redução de lideranças e o aumento das formas de autoexpressão. Além disso, é dito que, nas sociedades pós-industriais, as motivações ideológicas e sociais pautam-se de uma perspectiva pessoal e da influência das novas tecnologias da informação e comunicação.

Diferentemente de formas tradicionais de ação coletiva, nessa ação conectiva, fortemente individualizada e tecnologicamente organizada, agir publicamente é uma forma de expressão pessoal e de autovalidação. Para Bennett e Segerberg, essa autoexpressão não significa, todavia, a impossibilidade de uma coletividade. Ao contrário, ela suscita novos tipos de vínculos, que sejam amplos o suficiente para abarcar e incluir diferenças e singularidades. (MENDONÇA, 2017, p. 138).

Nesse sentido, para compreender melhor as novas formas de organização no mundo contemporâneo, será utilizado o conceito de multidão, trabalhado pelos autores Hardt e Negri (2004). Em termos de definição, é possível afirmar que a multidão “é composta de um conjunto de singularidades – e com singularidades queremos nos referir aqui a um sujeito social cuja diferença não pode ser reduzida à uniformidade, uma diferença que se mantém diferente” (HARDT; NEGRI, 2004, p. 139).

Portanto, interseccionando com a definição de Hardt e Negri (2004) acerca do conceito de multidão, Mendonça (2017) afirma que as interações que partem de aspectos singulares de cada indivíduo são responsáveis por criar algo comum, que só existe a partir dessa dinâmica idealizada pelo diferente. Essa perspectiva é aplicada em seu estudo sobre as manifestações de junho de 2013, no qual afirma não haver um sentimento uníssono de coletividade em torno de fatores sociodemográficos e ideológicos, os quais, possivelmente, teriam guiado as manifestações.

Os sujeitos defendiam causas diferentes, agendas distintas, ideologias políticas diversas. Tinham percepções diferentes sobre o cenário político e, muitas vezes, adversários opostos. Partiam de diagnósticos distintos sobre problemas e injustiças e almejavam futuros bastante variados. E, no entanto, caminhavam juntos, partilhando um espaço e um tempo que os retirava da ordem de suas experiências cotidianas. A copresença pública, seja em marchas, seja em ocupações e assembleias, mostrou-se absolutamente potente na continuidade da mobilização das singularidades em uma ação comum. (MENDONÇA, 2017, p. 145).

A vivência compartilhada entre esses indivíduos, que se articulam em dinâmicas individuais distintas, mas que partem de um propósito em comum, traduz a conflitualidade e a pluralidade que os protestos e mobilizações sociais das últimas décadas possuem. Durante as manifestações de 2013, adeptos ao *Black Bloc*, anarquistas, marxista-leninistas, estudantes, feministas, professores, jornalistas, militantes do

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), entre outros, se ordenaram em uma espécie de desordem coletiva e organizada, compreendendo as limitações e restrições de cada grupo/coletivo individualmente, mas que clamavam por uma urgência criada a partir do comum. Mendonça (2017) afirma:

Ao sentir-se parte de um momento singular, de um evento único, os sujeitos percebem-se atores históricos capazes de afetar o mundo. Se eles “sofrem” junho, no sentido de serem afetados (e “atropelados”) por aquele espaço-tempo específico, eles também agem sobre junho e percebem a potência do singular na reconstrução do comunal. (MENDONÇA, 2017, p. 148).

Isto posto, entende-se a complexidade e a pluralidade de crenças, posicionamentos políticos e ideológicos no centro das manifestações contemporâneas. As singularidades de cada ator social não impedem a construção de uma identidade coletiva, na qual, na verdade, essa dinâmica propõe uma nova forma de se pensar a organização e o sentido de coletivo durante as mobilizações.

3.1 COBERTURA DE MANIFESTAÇÕES

No contexto das manifestações e mobilizações de grande apoio popular no país, a prática jornalística ganhou novos desafios no que tange à cobertura dos fatos e à rotina dos profissionais de comunicação, uma vez que a busca pela veiculação de forma imediata, atrelada à incorporação de novas práticas e aparelhos tecnológicos, viabilizou um novo olhar à profissão. Como afirma Rodrigues (2013, p. 32), “as transformações das tecnologias digitais na vida social amplificam, deste modo, os rearranjos comunicacionais num contexto contínuo de mutações”. Nessa perspectiva, sobre essa mudança, é possível afirmar:

A complexidade da cobertura de acontecimentos, como os protestos de junho de 2013 e a greve dos garis, no Rio de Janeiro, em março de 2014, apresenta desafios no processo de apuração, edição e difusão das notícias, pois se reveste de uma nova processualidade na rotina jornalística. De algum modo, o contexto remete às dimensões políticas, tecnológicas, comunicacionais e profissionais que envolvem o debate suscitado pela mobilidade expandida e a convergência jornalística. (SILVA; RODRIGUES, 2014, p. 27).

Silva e Rodrigues (2014) apontam que as manifestações de junho de 2013 propiciaram uma nova forma de pensar a cobertura jornalística, principalmente com o

auxílio de tecnologias móveis. Os autores traçam um paralelo entre as diferentes formas de cobertura realizada por organizações alternativas e os veículos tradicionais. O coletivo Mídia Ninja, por exemplo, realizou a cobertura das manifestações via plataformas de *streaming* como a *Twitch* através de aparelhos celulares conectados ao 3G e 4G e, por outro lado, a cobertura dos veículos tradicionais como Globo News e Folha de S. Paulo teve auxílio de aparelhos como drones e Google Glass.

Essas novas tecnologias, nos casos da Folha de S.Paulo e Globo News, como apontam os autores, “alteram o *modus operandi* dos repórteres porque instauram novos modos ‘de ver’ os eventos ou novos modos ‘de construção’ da notícia” (SILVA; RODRIGUES, 2014, p. 34). Dessa forma, os acontecimentos poderiam ser transmitidos de forma imediata, corroborando a ideia de noticiar “no calor do momento”. Silva e Rodrigues (2014, p. 30) enfatizam que essa mudança incorpora na rotina dos jornalistas um viés “multitarefa e polivalente”, no qual a dinâmica de multifunções é naturalizada na função do profissional.

Foi também nesse período que os grupos de comunicação não-hegemônicos começaram a ganhar destaque, como o coletivo Mídia Ninja (SANTOS; OLIVEIRA, 2019). O grupo enfatiza que a cobertura dos protestos proposta pelo grupo tinha como propósito olhar para os acontecimentos sob um prisma contra hegemônico. Com o auxílio de distintas plataformas, o grupo exibiu ao público cenas sem corte ou edição, que, em muitos casos, continham violência policial, prisões de jornalistas e manifestações e conflitos que até então eram ignorados pela grande mídia (SANTOS; OLIVEIRA, 2019).

A partir das transmissões ao vivo dos protestos pelo Mídia Ninja, as imagens tentam revelar o lado “B” das manifestações, muitas vezes não explorado na mídia massiva, razão pela qual eles declaram praticar um jornalismo nu e cru e divulgar fortemente em seus canais digitais. Neste modelo de ação colaborativa, não há restrições para ser um repórter ninja ou um transmissor, para tal, pode-se munir-se de celulares, estar acompanhando as manifestações e fatos sociais e transmitir ao vivo pelo TwitCasting. A ideia é que mais repórteres-ninja se aglutinem no Mídia Ninja para expandir as transmissões aumentando a capilaridade do movimento em coberturas para uma pulverização comunicacional. Para Malini (2014) emerge o que ele denomina de “nova grande mídia” como antagonista aos meios de comunicação de massa dominantes. (SILVA; RODRIGUES, 2014, p. 36).

Nesse sentido, percebe-se a disputa entre dois eixos midiáticos na forma de narrar as manifestações. De um lado, grandes veículos de comunicação portando aparelhos de última tecnologia e, de outro, coletivos de mídia alternativa utilizando aparelhos celulares, construindo uma rede de conexões e compartilhamento de informações por meio de plataformas de *streaming*. Essa articulação não só propicia novos caminhos e disputas no campo jornalístico, no sentido de mudar as rotinas dos profissionais e na inserção de aparelhos tecnológicos, mas também na forma como cada organização se propõe a noticiar os fatos e, sucessivamente, nos enquadramentos gerados em cada notícia. Como mostra Bentes (2018):

As mídias livres narraram um outro junho de 2013, processos multitudinários organizados de baixo para cima e protagonizados por “desorganizados” (grupos que não vinham de partidos e/ou instituições políticas clássicas). As emissões ao vivo, a viralização de “memes”, fotografias, posts, textos, cartazes, produzidos pelos próprios manifestantes, funcionaram como operações de embate, disputa narrativa decisiva nas redes e nas ruas. (BENTES, 2018, p. 157).

Essas novas dinâmicas elucidam a intersecção entre ciberativismo³ e os movimentos sociais contemporâneos. O fluxo de compartilhamento de informação, que possibilita uma rede de interação entre os leitores e os próprios ativistas, caracteriza e viabiliza uma rede de debate extensa e plural a respeito de pautas políticas e sociais debatidas tanto em fóruns, mídias sociais, sites, blogs quanto na rua, derivada das manifestações e mobilizações.

De acordo com Campi (2013), em 2013, mais de 2 milhões de menções foram feitas nas redes sociais Twitter, Facebook, YouTube¹⁰ e Google¹¹, e que mais de 132 milhões de pessoas foram impactadas por estas postagens, criadas por 941.295 usuários únicos. Somente no dia 17 de junho de 2013, meio milhão de mensagens foram publicadas nas redes sociais, superando em 8,5 vezes as postagens da semana anterior. Nesse dia, o Twitter e o Facebook foram as redes mais usadas pelos ativistas das 17 às 21 horas. No intervalo entre 17 e 18 horas, momento do início das manifestações, a média de menções dos protestos foi de 51,2 mil. Entre 20 e 21 horas o número quase duplicou, chegando a 87,8 mil. (QUEIROZ, 2017, p. 3).

³ Ciberativismo é um conceito definido por Milhomens (2009 apud QUEIROZ, 2017, p. 3), que se utiliza de tecnologias digitais ou de informação e comunicação para a mobilização e enfrentamento político, social e/ou cultural.

A atuação do jornalista vem mudando constantemente, seja com a invenção e o aperfeiçoamento de novos formatos, gêneros e meios de noticiar um acontecimento, seja com a inclusão de aparatos tecnológicos na rotina profissional. Essa dinâmica pôde ser vista de forma precisa durante as manifestações de 2013, quando não só os veículos de mídia tradicional do país, mas também os coletivos de mídia livre utilizaram diferentes aparelhos, plataformas de *streaming* e as mídias sociais na cobertura dos protestos, esses que foram primordiais para a construção das narrativas dos acontecimentos.

3.2 MIDIATIVISMO E MIDIALIVRISMO

A organização de movimentos e coletivos ativistas nos espaços urbanos hoje se dá, majoritariamente, através da Internet, com auxílio das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). Essa articulação entre ativismo político e internet pode ser categorizada e entendida de forma mais profunda a partir do termo midiativismo. Para Foletto (2018), podemos defini-lo como uma organização de grupos ou pessoas que “criam seus próprios relatos de acontecimentos, normalmente de interesse público como protestos, manifestações e reuniões coletivas, e assim disputam uma ‘guerra de narrativas’ com os veículos de referência” (FOLETTTO, 2018, p. 98).

Braighi e Câmara (2018), por outro lado, propõem um percurso conceitual que visa distinguir o midiativismo de outras definições como mídia livre ou radical, enfatizando singularidades e especificidades de cada um, para assim, definir sua conceituação. Os autores dialogam com a definição dada por Alice Mattori (2013 apud BRAIGHI; CÂMARA, 2018), em que é utilizada a síntese de “*activism through media*”, que explica como cada ativista utiliza as mídias a seu modo para integrar os movimentos sociais de que faz parte, levando suas ações a saírem das mídias sociais e atingir a esfera pública, com mobilizações e paralisações.

Não é objetivo categorizar os ativistas da tática *Black Bloc* como, obrigatoriamente, também midiativistas, mas, sim, enfatizar dinâmicas semelhantes, que não se excluem, pelo contrário, se completam. Nesse sentido, o militante que adere à tática pode, também, ser um midiativista. Em termos de esclarecimento sobre o termo propostos por Braighi e Câmara (2018), destacam-se alguns:

- a) por vontade solidária, entende-se o comportamento intencional, deliberado, pessoal e voluntário de sujeitos que estão imbuídos de valor altruísta e cômicos de uma alteridade compartilhada;

b) reforçando a ideia de ação direta, compreendemo-la, ao modo de Jordan (2002), não apenas como uma tática simples, mas um amplo conjunto de possíveis, na articulação de mais variadas ideias de intervenção, desde noções passivas de desobediência civil até ações mais ativas, em alguns casos inclusive agressivas. Todavia, vale novo registro, a mera mediação da informação, no relato dos fatos, não constitui o midiativismo – dada a escassez de sentido transgressivo. Quando este o carregar, aí sim poder-se-ia considerá-la ação direta;

c) a palavra intenção aqui deve ser vista dentro da perspectiva de propósito, do sentido de mudança social amalgamado em uma determinada prática. Assim, o midiativismo pode ser exercido tanto por um manifestante que porta um cartaz e brada palavras de ordem, quanto por um adepto da tática Black Bloc – a questão são os fins a que se prestam com o seu modo de agir [...]. (BRAIGHI; CÂMARA, 2018, p. 36)

Para Braighi e Câmara (2018), o conceito de midiativismo também se difere do que se entende por mídia livre, já que seu objetivo seria “de um ativismo social direcionado. Ainda que a sociedade se beneficie das suas investidas, ela e as respectivas problemáticas dela são objeto de uma luta primeira em torno da democratização da comunicação” (BRAIGHI; CÂMARA, 2018, p. 29). E, em contrapartida, o midiativismo teria um foco mais genérico na prática, já que seria possível relacionar qualquer causa a essa conceituação.

Foletto (2018) afirma que a mídia livre seria uma junção de conceitos como o de mídia alternativa, já que seria uma alternativa aos grandes monopólios comunicacionais e também da cultura livre, no que diz respeito às “licenças favoráveis ao uso coletivo, compartilhar e defender o bem comum” (FOLETTTO, 2018, p. 104). Em termos de definição, para Bentes (2015, p. 14), o midialivrista é diferente do jornalista corporativo, uma vez que “não está em um protesto, ato, manifestação, apenas para fazer o registro (ou reportar) dentro de uma relação de trabalho. Ele é um corpo da multidão e a comunicação é uma das formas de mobilizar e organizar, expressar, essa multidão”. Sobre a atuação da mídia livre nas manifestações de 2013, a autora afirma:

A mídia livre foi decisiva para construir uma contranarrativa frente à criminalização das manifestações pelas mídias corporativas, reprimidas violentamente pelo aparato de segurança do Estado. Uma mídia-estado que desqualificou as pautas dos movimentos (passe livre; transparência pública com os gastos dos megaeventos, Copa do Mundo e Olimpíadas; processos de gentrificação urbana; direito ao espaço público;

corrupção e crise da democracia representativa). (BENTES, 2018, p. 156).

A articulação entre os conceitos de midiativismo e mídia livre abrange a relação entre internet e movimentos sociais em um campo vasto e plural, que incorpora à pesquisa aspectos relevantes sobre o papel dos ativistas no compartilhamento de informações e na criação de redes de debate acerca das manifestações. Esses conceitos são imprescindíveis para a compreensão desta monografia.

Isto posto, o próximo capítulo será destinado a explicar o percurso metodológico adotado para a viabilidade da pesquisa, além da análise das publicações que compõem o *corpus* do trabalho, que é desenvolvida a partir da teoria do enquadramento.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE

Esta seção apresenta o caminho metodológico adotado nessa pesquisa, pautado nos critérios propostos na teoria do enquadramento por Rothberg (2014), no qual resultou na análise individual de oito publicações dos veículos El País, VEJA e Folha de S. Paulo.

4.1 PERCURSO METODOLÓGICO

O objetivo da presente monografia é entender de que forma a tática *Black Bloc* foi enquadrada pelos veículos El País, VEJA e Folha de S. Paulo durante as publicações realizadas no ano de 2016, no período das manifestações “Fora Temer”. Para alcançar tal projeção, o percurso metodológico foi desenvolvido a partir da análise de enquadramento (ROTHBERG, 2014) de modo a traçar um panorama mais específico à temática.

No que tange ao percurso de escolha do material a ser analisado, foi realizada uma pesquisa do termo *Black Bloc* no buscador do Google e aplicado um filtro para que somente publicações realizadas no período de 2016 fossem exibidas. A partir disso, foi feita uma busca minuciosa em cada veículo jornalístico que havia publicado algum conteúdo relacionando a tática nas manifestações “Fora Temer”, a partir de uma busca do termo *Black Bloc* na área de pesquisa dos jornais.

Sendo assim, a escolha dos veículos jornalísticos que compõem o escopo da pesquisa, se deu, primeiramente, pela quantidade de material disponível em cada um. A temática, como foi apresentado no primeiro capítulo da monografia, teve grande destaque no ano de 2013, o que não aconteceu da mesma forma nas manifestações “Fora Temer”. Nesse sentido, os veículos se mostraram relevantes e indispensáveis para entender a inserção da tática nesse contexto e sua representação na mídia.

A fim de que a análise pudesse abarcar diferentes temáticas por meio das quais a tática *Black Bloc* estava sendo inserida nos veículos, não houve restrições de editorias. Nesse sentido, as publicações estão organizadas como exposto no Quadro 1.

Quadro 1 - Publicações escolhidas para análise

Veículo	Título	Editoria
El País	“ <i>Black Blocs</i> , os corpos e as coisas”	Opinião
	“ <i>Black Bloc</i> : a tática fugidia que desnorteia e assusta SP”	Política
	“Atos contra Temer e contra os Jogos”	Política
VEJA	“Protesto contra Temer termina em confusão em SP”	Política
	“ <i>Black Blocs</i> vandalizam centro de São Paulo em ato contra Temer”	Política
Folha de S. Paulo	“Movimentos de esquerda se dizem contrários a tática ‘ <i>Black Bloc</i> ’”	Poder
	“Os <i>Black Blocs</i> de agora não são os mesmos daquele junho”	Cultura
	“A arma mais forte será ampliar a não cooperação com o governo”	Opinião

Fonte: A autora.

A análise dos materiais acontece a partir da teoria do enquadramento, por Rothberg (2014), da qual se pode afirmar que:

Um enquadramento (*framing*) é como um pacote interpretativo, uma ideia central que organiza a realidade dentro de determinados eixos de apreciação e entendimento, e é construído através de procedimentos como seleção, exclusão e ênfase de determinados aspectos e informações, de forma a compor perspectivas gerais através das quais fatos e circunstâncias são dados a conhecer. (GAMSON; MODIGLIANI, 1989;

AZEVEDO, 2004 apud ROTHBERG, 2014, p. 409) .

Importante frisar que, para o autor, a teoria do enquadramento não afirma que a mídia tem poder absoluto sob a percepção do indivíduo, uma vez que há inúmeras formas de reinterpretação pessoal acerca de determinado assunto. No entanto, a teoria também não exclui os efeitos da comunicação, “sob a qual os sujeitos estariam livres para usar e recusar à sua maneira as mensagens” (ROTHBERG, 2010, p. 55). Rothberg (2014) propõe, para compreender a teoria, as categorias de análise constantes no Quadro 2.

Quadro 2 - Categorias da análise de enquadramento

1. Quadros de conflito (quando retratam os políticos como eternos personagens em disputa, sem mais considerações às políticas públicas envolvidas em determinado arranjo de forças)
2. Jogo (os personagens são retratados como agentes movidos unicamente por estratégias competitivas em busca de vantagens particulares)
3. Episódicos (quando fatos e conjunturas de grandes repercussões recebem tratamento superficial e são enfocados somente a partir de seus traços extravagantes, pitorescos ou sensacionalistas)
4. Temáticos (abordagens contextualizadas, plurais e abrangentes, que relacionam antecedentes e pressupostos de políticas públicas, avaliam implicações e consequências, examinam alternativas e critérios de comparação etc.)

Fonte: A autora.

Posto o percurso metodológico, as próximas subseções serão destinadas à análise das publicações de cada veículo individualmente. Utilizando as categorias propostas por Rothberg (2014), conforme o Quadro 2, cada material será estudado com base na descrição de cada tópico.

4.2 ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES - EL PAÍS

Seção destinada a análise individual das três publicações escolhidas do veículo El País que compõem o *corpus* da pesquisa.

4.2.1 “*Black Blocs*, os corpos e as coisas”

Publicado no dia 13 de setembro de 2016, escrito por Eliane Brum e presente na editoria de “Opinião” (Figura 2), a coluna expõe uma reflexão sobre a atuação do *Black Bloc* nos movimentos “Fora Temer” e “Diretas Já!”, a partir de uma contextualização do

assunto a partir de diferentes eixos temáticos.

Figura 2 - Print do título da coluna

EL PAÍS Opinião

ELIANE BRUM
13 SEPT 2016 - 09:25 BRT

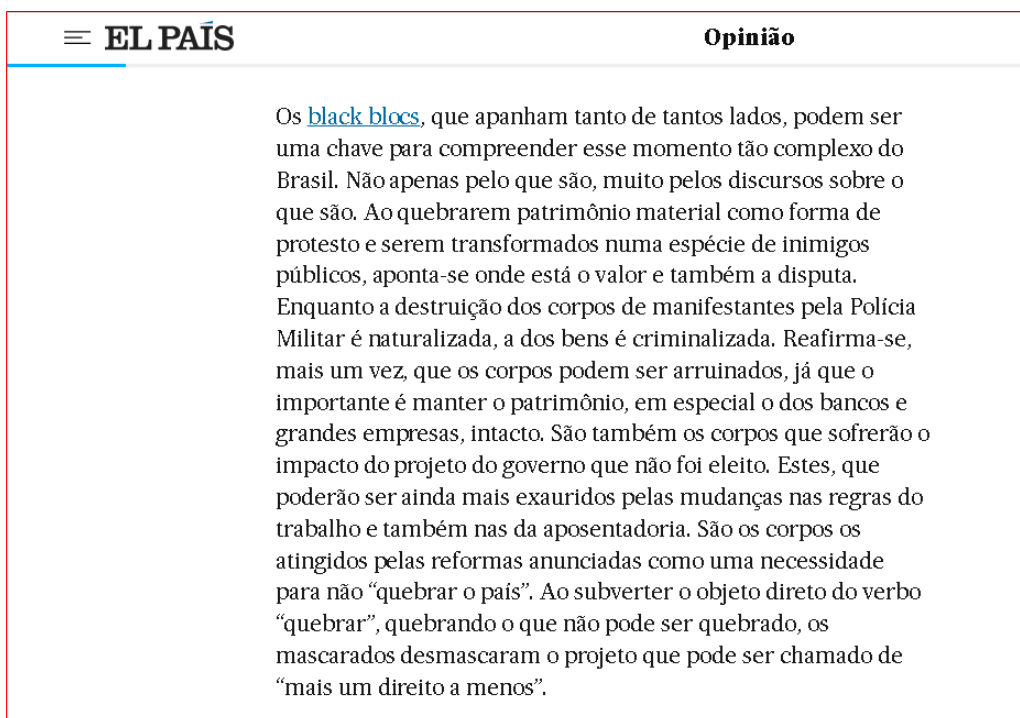
WhatsApp Facebook Twitter Link

Jovens mascarados em protesto contra o Governo Temer.
SEBASTIÃO MOREIRA (EFE)

Fonte: El País 13/06/2016

O *hiperlink* no termo *Black Blocs*, logo no início do texto (Figura 3), leva o leitor para uma página do El País onde só matérias e publicações relacionadas à tática *Black Bloc* são exibidas. Os conteúdos são datados do ano de 2014 até 2017, variados entre reportagens que discutem a temática nos mais variados ângulos, desde acontecimentos internacionais até as jornadas de junho e o “Fora Temer”. Essa correlação entre assuntos na parte inicial do texto permite que o leitor possa imergir no tema lendo outros materiais, antes de iniciar a leitura da coluna.

Figura 3 - Print de trecho da coluna



Fonte: El País 13/06/2016

O texto segue contextualizando a aparição da tática *Black Bloc* nas manifestações “Fora Temer” e as “Diretas Já” correlacionando-a com acontecimentos anteriores, como as mobilizações de junho de 2013 e os protestos contra a Copa de 2014, enfatizando o conflito entre *Black Bloc* e a Política Militar. A coluna exhibe críticas quanto à atuação da mídia (Figura 4) na cobertura dos fatos, que enfatiza aspectos das manifestações com o propósito de desviar a atenção dos telespectadores para o que, de fato, é reivindicado nos atos.

Figura 4 - Print do trecho da coluna

Fica claro que as atuais manifestações precisam acabar mal. A interpretação mais evidente é a de que, enquanto a cobertura é precariamente concentrada nas bombas de gás e balas de borracha jogadas pela polícia não se discute – ou se discute pouco – o que está sendo reivindicado nos protestos. Para parte da grande imprensa, há cobertura quando há violência, ainda que a violência seja apresentada como um “confronto” entre PM e manifestantes e não como o que de fato é: forças de segurança do Estado atacando cidadãos que exercem seu direito constitucional de manifestação.

Fonte: El País 13/06/2016

No trecho exibido na Figura 5, Eliane Brum explica que *Black Bloc* não se trata de um coletivo, mas sim uma tática e por isso, seria difícil atribuir especificidades sobre os manifestantes adeptos. Brum faz referência à pesquisa de Esther Solano sobre as manifestações de 2013 sobre o perfil de pessoas que adotaram a tática durante os atos em junho, para contextualizar as similaridades com os manifestantes que iam às ruas no ano de 2016.

Figura 5 - Print de trecho da coluna

≡ EL PAÍS	Opinião
<p>Os black blocs, atacados à direita e também à esquerda, são os que costumam trazer uma novidade à composição socioeconômica das manifestações. Para a esquerda tradicional, rechaçá-los deveria ser um motivo de constrangimento. Como black bloc não é um grupo, mas uma tática, é mais difícil afirmar quem são as pessoas que a usam nos protestos deste momento. Nas manifestações de 2013 e 2014, ocorridas em São Paulo, uma extensa pesquisa publicada no livro <i>Mascarados</i> (Geração Editorial) por Esther Solano, professora de Relações Internacionais da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), mostrou que a maioria dos que a usavam eram jovens que viviam nas periferias. Em entrevista a esta coluna, a pesquisadora afirmou:</p>	
	<p>“O estrato social de black blocs e policiais é muito parecido”</p>

Fonte: El País 13/06/2016

Ainda sobre o perfil dos atuantes, o texto contém informações sobre a mudança de algumas características daqueles que aderem à tática (Figura 6), sendo os de 2016 mais jovens devido a movimentos sociais anteriores, mas que continuam tendo origem periférica, assim como os de 2013 e 2014. Brum ainda explica características da tática, enfatizando que nem todo cidadão que usa máscara durante os protestos é *Black Bloc* e nem todo manifestante que usa da violência é *Black Bloc*.

Figura 6 - Print de trecho da coluna

≡ EL PAÍS	Opinião
black blocs e policiais é muito parecido”.	
<p>Nas manifestações pelo "Fora, Temer" e "Diretas Já", a hipótese de pesquisadores do tema é de que os black blocs hoje são mais jovens do que nos protestos de 2013 e 2014, possivelmente devido ao movimento secundarista formado na ocupação das escolas públicas, e seguem com origem periférica. Mas ainda não há pesquisa que permita comprovar essa formulação. Em São Paulo, nos anos de 2013 e 2014, aqueles que tinham atuação contínua, que usavam máscaras e depredavam fachadas de banco e de empresas, não passavam de 20. (Vale a pena lembrar que nem todo manifestante que usa máscara é adepto da tática black bloc, assim como nem todo manifestante que usa de violência é black bloc.) Numa observação apenas visual, é possível supor que o número de black blocs se mantenha bem semelhante nas atuais manifestações de São Paulo, embora não sejam os mesmos jovens dos anos anteriores.</p>	

Fonte: El País 13/06/2016

Finalizando a coluna, Brum arremata um questionamento que faz alusão ao título da coluna: a disputa ideológica, econômica e política no que ela chama de os “corpos e as coisas” é colocada de forma crítica no texto (Figura 7). Ela incita um debate ao questionar quando as vidraças de bancos quebradas se tornaram mais relevantes no debate público quanto os corpos que são violentados diariamente, que é pauta central da tática.

Figura 7 - Print de trecho da coluna

≡ EL PAÍS	Opinião
<p>Não há ilusões nem bipolarização aqui. Se Dilma Rousseff prometia “nenhum direito a menos” na sua posse, foi no seu governo que começou o “mais um direito a menos” – e é sua a lei antiterrorismo que permite criminalizar manifestantes. Foi também Dilma Rousseff que começou a colocar em prática um projeto que não foi o eleito já no dia seguinte. Com Temer, agora, já são muito mais direitos a menos – e a subtração só faz crescer.</p> <p>O que está em jogo neste momento é quantos direitos a menos os corpos dos quebrados conseguirão suportar sem reagir. E por quanto tempo boa parte dos brasileiros continuará a lamentar mais a destruição das coisas do que dos corpos.</p> <p>Os black blocs têm apanhado à direita e também à esquerda. Tal unanimidade deve gerar, no mínimo, curiosidade. Há que se compreender que, concordando ou não com a tática, eles apontam para o impasse incontornável do Brasil, ontem e hoje: aquele que se dá entre os corpos e as coisas.</p>	

Fonte: El País 13/06/2016

Isso posto, em termos de análise e categorização do que é proposto por Rothberg (2014), define-se que o texto se encaixa na categoria **temáticos**. Rothberg (2010) defende que essa vertente do enquadramento “envolve pluralismo e equilíbrio, que podem então ser considerados como elementos capazes de conduzir à superação da fragmentação, superficialidade e tendência ao entretenimento contidos nos enquadramentos de conflito etc.” (ROTHBERG, 2010, p. 58). Esse critério implica afirmar que as publicações categorizadas nessa definição constroem um pano de fundo amplo, abrangente e contextualizado sobre o assunto tratado.

4.2.2 “*Black Bloc*: a tática fugidia que desnorteia e assusta SP”

Publicado em 13 de setembro de 2016, escrito por André de Oliveira e presente na editoria de “Política” (Figura 8), o texto elenca perspectivas sobre manifestações pontuais que ocorreram naquele mês contra o Governo Temer, as quais tinham a presença de adeptos à tática, também correlacionando a aparição do *Black Bloc* a manifestações anteriores.

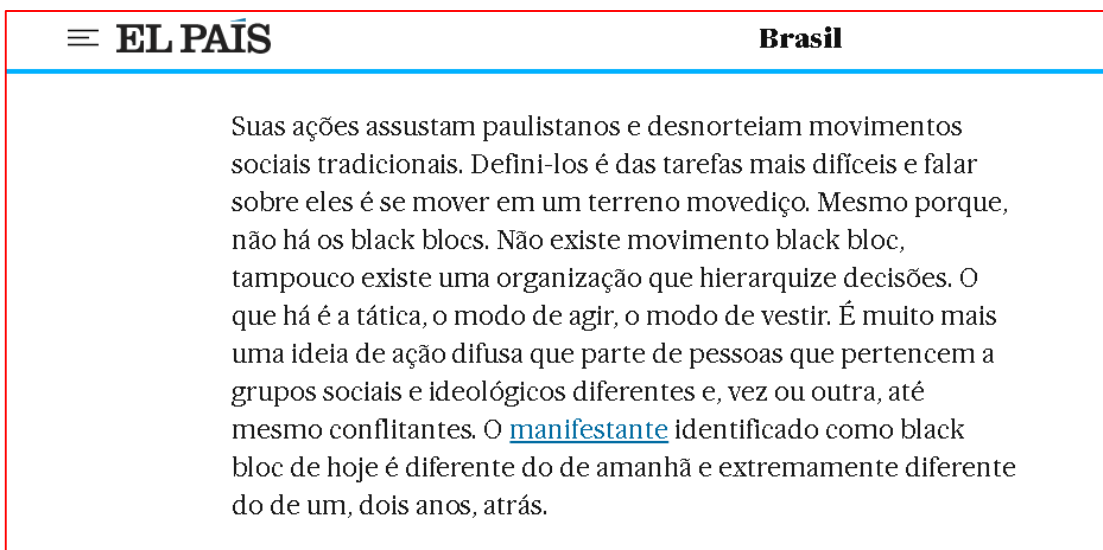
Figura 8 - Print do título da reportagem



Fonte: El País 13/09/2016

O segundo parágrafo da reportagem mostra uma reflexão sobre a definição do conceito *Black Bloc* (Figura 9), apontando certa dificuldade em determinar o que seria ou não parte do “movimento”. Oliveira (2016) explica que não existem “os” *Black Blocs*, mas sim uma tática que incorpora diversos aspectos como a vestimenta e o modo de agir. Ele, assim como Brum (2016), aponta que os manifestantes de 2016 não são os mesmos dos anos anteriores.

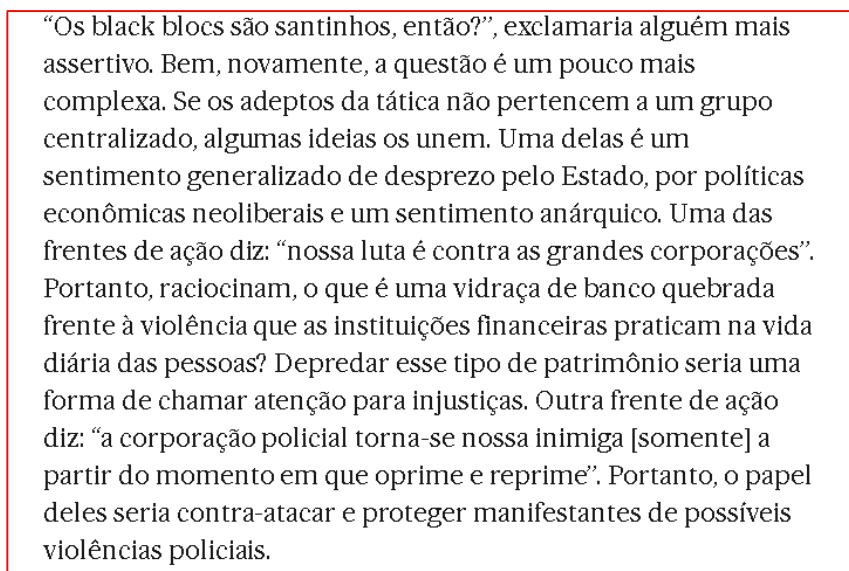
Figura 9 - Print de trecho da reportagem



Fonte: El País 13/09/2016

O autor da matéria aponta alguns aspectos primordiais para entender a tática, como as ligações com o movimento anarquista, a recusa de ideais neoliberais e o alvo em instituições/símbolos da soberania capitalista (Figura 10).

Figura 10 - Print de trecho da reportagem



Fonte: El País 13/09/2016

A reportagem menciona uma entrevista com um adepto à tática (Figura 11), fazendo um paralelo do jovem com o movimento antifascista e o perfil socioeconômico

de sua família, tópico ainda abordado no decorrer da reportagem. Oliveira (2016) enfatiza que o manifestante foge do estereótipo que é esperado de “um *Black Bloc*”, o qual, segundo ele, seria de um “incendiário” que quer quebrar tudo a “qualquer custo”.

Figura 11 - Print de trecho da reportagem

EL PAÍS **Brasil**

semana →

Temer ouve vaia em desfile em Brasília e nos Jogos Paralímpicos →

O “Fora, Temer” Brasil afora →

Tome o Heitor Martins, 19 anos, como exemplo. Ele participa de um grupo antifascista, atua em um movimento social clássico com uma história de mais de 20 anos, é filho de uma família de classe média de periferia que conseguiu certa ascensão social com um negócio próprio nas últimas décadas, fala três línguas fluentemente e está caminhando para a quarta. Quer ser diplomata e estuda em uma das mais conhecidas universidades particulares de elite de [São Paulo](#) (onde conta com uma bolsa do Governo). Nas recentes manifestações anti Temer, esteve na linha de frente, vestido de preto, com lenço no rosto e indumentárias próprias da estética deste grupo. Cordial no sentido mais clássico da palavra, questionador das ideias dos outros e de suas próprias, está longe do estereótipo do manifestante mascarado e incendiário que quer quebrar tudo a qualquer custo.

Fonte: El País 13/09/2016

A fim de uma melhor contextualização sobre a temática, o jornalista inclui falas do pesquisador Bruno Paes Manso, que, juntamente com Esther Solano (citada como fonte na coluna de Eliane Brum), escreveram o livro *Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc*, que analisa o contexto da tática nas manifestações de 2013. Manso explica o surgimento e a emergência do *Black Bloc* no enfrentamento de ações e marchas pacifistas, no movimento antiglobalização e em protestos contra o avanço do neoliberalismo. Um ponto importante a ser destacado, que Oliveira enfatiza na reportagem, é a controvérsia relacionada entre manifestantes adeptos à tática e grupos de esquerda tradicionais (Figura 12).

Figura 12- Print de trecho da reportagem

“Neste momento, a linha de ação que visa atacar símbolos, como os bancos, não está sendo tão levada em conta. O mais importante agora é a questão da segurança das manifestações”, diz Martins. Carina, uma professora anarquista, ouvida pela reportagem do EL PAÍS, conta que a passeata convocada por movimentos sociais e que teve a presença de cerca de 100.000 pessoas no domingo, dia 4, em São Paulo, foi boicotada pelos black blocs. “O Guilherme Boulos [um dos líderes do MTST] disse que os blocs estavam queimando o filme do movimento ao agir com violência, aí eles decidiram não ir e, no final, teve violência da polícia de qualquer modo”, diz.

Fonte: El País 13/09/2016

O último parágrafo da reportagem apresenta uma declaração do entrevistado, Heitor Martins, na qual o jovem diz que, durante os protestos, raramente reconhece quem está do seu lado, afirmando que antifascistas, anarcopunks, anarquistas e quem não participa ou segue nenhuma linha ideológica prévia podem se juntar durante os atos; a não homogeneidade de manifestantes é uma das características mais presentes da tática *Black Bloc*.

Devido à contextualização e amplitude da temática que foi retratada durante a reportagem, com falas de entrevistados especialistas e dos manifestantes, que forneceram informações relevantes sobre a atuação da tática e as mudanças que ocorreram desde o ano de 2013 até o presente dos atos de 2016, a publicação se encaixa na categoria de enquadramento **temáticos**, de maneira similar ao texto anteriormente analisado e pelas mesmas razões.

4.2.3 “Atos contra temer e contra os Jogos”

Publicada no dia 6 de agosto de 2016, escrita por Felipe Betim e presente na editoria de “Política”, a notícia tem como foco discutir brevemente as duas manifestações que ocorreram no mês de agosto, no dia da abertura das Olimpíadas, no Rio de Janeiro. Diferentemente das outras publicações do El País, essa notícia não trata os *Black Blocs* como objeto central dos protestos, apesar de o termo ter ganhado destaque na linha fina

da publicação (Figura 13).

Figura 13 - Print do título da notícia



Fonte: El País 06/06/2016

O primeiro parágrafo da notícia foca em traçar um panorama sobre as duas manifestações ocorridas no dia, explicitando as duas principais reivindicações de cada uma (Figura 14). Neste primeiro momento, o texto não se aprofunda em quais grupos, coletivos ou partidos estavam presentes nos atos, apenas que eram de esquerda e que havia manifestações de sindicatos e movimentos que contestavam o cenário político do país. O termo *Black Bloc* só aparece nas últimas linhas do parágrafo, sem uma

contextualização prévia, nem mesmo um *hiperlink* direcionando o leitor para outros materiais da mesma temática.

Figura 14 - Print de trecho da notícia

Partidos de esquerda, sindicatos e movimentos de contestação se dividiram em duas manifestações no [Rio de Janeiro](#) nesta sexta-feira, dia da inauguração oficial das [Olimpíadas](#) no estádio do Maracanã. No primeiro ato, uma multidão concentrada na praia de Copacabana tinha o objetivo de aproveitar a visibilidade dos Jogos para exigir a queda do Governo interino de Michel Temer e o fim do ajuste fiscal. Poucos eram contrários à celebração dos Jogos. Já no segundo protesto, iniciado poucas horas depois no bairro da Tijuca (perto do Maracanã), centenas de manifestantes marcharam contra a Olimpíada, buscando chamar atenção para, segundo denunciam, as violações aos [direitos humanos](#) cometidas durante a sua preparação (sobretudo a política de remoções da prefeitura). A Polícia Militar usou bombas de efeito moral para reprimir grupos *black blocs* quando a manifestação já havia chegado ao seu destino final.

Fonte: El País 06/06/2016

O jornalista segue informando que as manifestações ocorreram de forma pacífica no decorrer do dia, escoltadas pela Polícia Militar (PM). Entre as reivindicações feitas pelos ativistas nas duas manifestações, estavam o fim do Governo de Michel Temer e do ajuste fiscal e a denúncia de violação dos direitos humanos cometidas durante a preparação para as Olimpíadas. A tática *Black Bloc* é mencionada pela segunda e última vez no fim da notícia, onde Betim (2016) coloca adeptos à tática no mesmo grupo de manifestantes que organizações estudantis e anarquistas, enfatizando que *Black Bloc* seria, nessa configuração, a depredação de patrimônio público. A notícia é finalizada com o informe de que, apesar de o conflito entre os “mascarados” e a polícia ter sido tenso no início, depois que um manifestante ateou fogo à bandeira do Brasil e de a polícia ter “respondido” com bombas de efeito moral e *spray* de pimenta, a situação havia se apaziguado no decorrer da noite.

Figura 15 - Print de trecho da reportagem

A manifestação continuava a todo vapor em Copacabana quando, por volta das 14h, outro grupo de manifestantes começou a se concentrar na praça Sáenz Peña, na Tijuca. Não havia sindicatos ou partidos na organização do ato, mas sim grupos como o Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas, que há anos vem acompanhando a preparação desses grandes eventos esportivos e denunciando as violações contra os direitos humanos cometidas. Havia também organizações estudantis e anarquistas, sobretudo os *black blocs*, que usam a tática da depredação do patrimônio público e tomaram a primeira fila do protesto. Poucos políticos, como o vereador Renato Cinco e o ex-candidato a governador Tarcísio Motta, ambos do PSOL, marcaram presença.

Fonte: El País 06/06/2016

Isso posto, em contraponto às outras matérias analisadas do El País, em que se percebia um aprofundamento na temática *Black Bloc*, com explicação de conceitos e análises contextualizadas, nas quais a atuação dos manifestantes era correlacionada com episódios anteriores, percebe-se certa superficialidade sobre o tema nesta notícia. O termo *Black Bloc* só apareceu no texto duas vezes, sem *links* para materiais exteriores ou qualquer desenvolvimento prévio, pois o jornalista apenas definiu a tática como uma forma de “depredação de patrimônio público”.

Dessa forma, a partir das contribuições de Rothberg (2014) e da própria análise do texto, afirma-se que essa publicação se enquadra na categoria **episódicos**. Para o autor, essa abordagem retrata temáticas de grande repercussão na mídia de forma superficial, onde são “enfocados somente a partir de seus traços mais extravagantes ou pitorescos” (ROTHBERG, 2014, p. 409). Tais definições puderem ser observadas ao longo da construção textual da notícia, como evidenciado nessa análise.

4.3 ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES - VEJA

Seção destinada a análise das duas notícias da Revista VEJA que fazem parte do escopo da monografia.

4.3.1 “Protesto contra Temer termina em confusão em SP”

Publicado no dia 4 de setembro de 2016, escrito pelo jornalista João Pedroso de Campos e presente na editoria de “Política”, o texto é uma notícia breve sobre o protesto contra o *impeachment* de Dilma Rousseff, que havia acabado de ocorrer, na Zona Oeste de São Paulo (Figura 16).

Figura 16 - Print do título da notícia



Fonte: VEJA 04/09/2016

A notícia se desenvolve em três parágrafos, sendo que o termo *Black Bloc* só aparece uma única vez na parte inicial do texto (Figura 17). O jornalista, ao descrever os manifestantes nos atos, enfatiza que, entre eles, estariam “os *Black Blocs*”; não há menção à palavra “tática” ou alguma contextualização prévia sobre o termo. É enfatizado o caráter conflituoso entre os manifestantes e a PM, ocasionado por um confronto físico com o uso de bombas de efeito moral e garrafas de vidro. “Os mascarados”, como o autor descreve os adeptos à tática, haviam entrado em ação quando os outros manifestantes (que estariam nos protestos de forma pacífica) haviam se retirado, depredando a fachada de um banco

e lixeiras nas calçadas.

Figura 17 - Print de trecho da notícia

Acabou em corre-corre e confusão o protesto contra o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff no largo da Batata, bairro de Pinheiros, Zona Oeste de São Paulo. O tumulto teve início depois do encerramento oficial da manifestação, quando o Metrô fechou a estação Faria Lima por causa da superlotação. Os manifestantes teriam forçado a entrada na estação, segundo a polícia, que os afastou com cassetetes e bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo. Após a ação da PM, alguns manifestantes, entre os quais black blocs, revidaram atirando garrafas de vidro contra os policiais. Quando os manifestantes já haviam se dispersado, os mascarados entraram em ação e depredaram a fachada de um banco e lixeiras das calçadas.

Fonte: VEJA 04/09/2016

A notícia é finalizada com informações de que manifestantes teriam ateado fogo em um caixão com fotos de Michel Temer na praça do Largo da Batata, onde teriam batido palmas quando o caixão se transformou em cinzas. Não há mais menções ao termo *Black Bloc* ou a nenhuma ação de caráter violento. Diante disso, devido à falta de aprofundamento na temática, uma vez que *Black Bloc* fora utilizado para definir uma “categoria” de manifestantes presentes no ato e não uma tática, a notícia se enquadra nos critérios de enquadramento como **episódicos**, assim como a publicação analisada anteriormente e pelos mesmos motivos já abordados.

4.3.2 “*Black Blocs* vandalizam centro de São Paulo em ato contra Temer”

A notícia, publicada no dia 1º de setembro de 2016 pelo jornalista Luiz Felipe Castro e presente na editoria de “Política”, apresenta informações sobre protestos ocorridos contra o *impeachment* de Dilma Rousseff em São Paulo (Figura 18).

Figura 18 - Print do título da notícia



veja

Brasil, Política

Black blocs vandalizam centro de São Paulo em ato contra Temer

Com a justificativa de protestar contra o impeachment, grupo de baderneiros depredou lojas e agências bancárias. Houve confronto com a PM

Por **Luiz Felipe Castro** Atualizado em 1 set 2016, 00h59 - Publicado em 31 ago 2016, 20h09

Manifestantes e policiais entram em confronto durante protesto contra o presidente do Brasil, Michel Temer na região da Avenida Paulista, em São Paulo (SP) - 31/08/2016 (Bruno Santos/VEJA.com)

Fonte: VEJA 01/09/2016

O texto faz menção aos manifestantes adeptos à tática logo na primeira frase da notícia, onde o jornalista os denomina como "vândalos mascarados" (Figura 19), além de "baderneiros" que atiraram pedras e rojões contra os policiais. Importante frisar que, aqui, a dinâmica entre policiais e manifestantes aparece em uma ordem em que os ativistas primeiramente atacam e a PM revida.

Figura 19 - Print de trecho da notícia

A ação de vândalos mascarados transformou um protesto contra o impeachment de Dilma Rousseff em cenário de depredação nesta quarta-feira em São Paulo. Os baderneiros atiraram pedras e rojões em cima dos policiais, que revidaram com bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral na altura da Praça Roosevelt, no Centro da capital paulista. Depois, os black blocs se dispersaram pelas ruas, montando barricadas e ateando fogo a lixo nas vias.

Fonte: VEJA 01/09/2016

A categorização dos adeptos à tática como “baderneiros” aparece novamente no segundo parágrafo da notícia, onde o jornalista reafirma a ideia de que os "vândalos" depredaram vários estabelecimentos e que os conflitos nas manifestações só estariam se intensificando pela presença “dos *Black Blocs*”. A notícia é finalizada dando ênfase ao “rastro de destruição” que os manifestantes deixaram na cidade de São Paulo, com uma viatura da Polícia Civil vandalizada e a sede da Folha de S. Paulo pichada.

Apesar de o termo *Black Bloc* ter aparecido mais de uma vez no texto, inclusive na linha fina, não houve nenhum tipo de aprofundamento na temática, nem mesmo uma explicação sobre os atos de depredação serem uma das formas de protesto da tática. Por sua vez, a matéria atribui certos estereótipos que corroboram a ideia de que os ativistas adeptos à tática são violentos, baderneiros e vândalos. Portanto, ao analisar certas características, define-se que essa notícia se enquadra nos critérios de enquadramento **episódicos**, de forma semelhante as publicações anteriores e pelas mesmas razões.

4.4 ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES - FOLHA DE S. PAULO

Seção destinada a análise das três publicações do veículo Folha de S. Paulo que complementam o *corpus* da pesquisa.

4.4.1 “Movimentos de esquerda se dizem contrários a tática ‘*Black Bloc*’”

Publicada no dia 3 de setembro de 2016, escrita por Angela Boldrini e presente na editoria “Poder”, a matéria tem como foco apontar opiniões de grupos da esquerda com relação à atuação dos adeptos à tática nas manifestações contra o Governo Temer (Figura

20). A notícia enfatiza que “os *Black Blocs*” são adeptos a uma tática anarquista que tem como objetivo a destruição do patrimônio. Importante frisar que há dois *hiperlinks* na primeira parte do texto: o primeiro, fixado em “tática *Black Bloc*”, leva para uma notícia sobre vandalismo e depredação de lojas na Zona Oeste de São Paulo no contexto das manifestações ocorridas no mesmo período; o segundo está fixado em “destruição do patrimônio”, que leva para uma reportagem sobre o monitoramento de grupos radicais nos atos contra o *impeachment* de Rousseff, que denomina “os *Black Blocs*” como grupos violentos que praticam vandalismo de depredação.

Figura 20 - Print do título da reportagem

poder

Movimentos de esquerda se dizem contrários a tática 'black bloc'

ANGELA BOLDRINI
DE SÃO PAULO

03/09/2016 @ 02h00

f Compartilhar < 0 OUVIR O TEXTO + Mais opções

Movimentos de esquerda rechaçaram a participação de adeptos da [tática "black bloc"](#) em manifestações organizadas por eles contra o governo de Michel Temer.

Os chamados "black blocs" são adeptos de tática anarquista que prega a [destruição do patrimônio](#). Grande quantidade deles tem participado dos protestos desta semana.

Guilherme Boulos, coordenador do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), que integra a Frente Povo Sem Medo, afirmou que "nas nossas manifestações, não há espaço para práticas dessa natureza".

Segundo ele, que participou da organização do ato de segunda-feira (29), quando não houve a presença dos "blocs", os adeptos da tática não devem participar do ato chamado pela Povo Sem Medo e pela Frente Brasil Popular para este domingo (4), na avenida Paulista.

←Anúncio fechado pela **CRITEO**
Denunciar este anúncio
Ad choices ▶

Fonte: Folha de S. Paulo 03/09/2016

A reportagem contém dizeres de Guilherme Boulos, apresentado no texto como coordenador do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), que enfatiza o descontentamento e a discordância dos atos feitos por adeptos à tática. Além de Boulos, há a declaração de Raimundo Bonfim, coordenador da Central de Movimentos Populares, que também corrobora essa ideia e afirma, ainda, que, se os manifestantes adeptos à tática aparecessem nos atos que ocorreriam nos dias seguintes, seriam “convidados a se retirar”.

O confronto entre policiais e os manifestantes é mostrado no texto como um fator que corroborou o crescimento de “blocs” nos protestos (Figura 21), além de enfatizar que há divergências e tensões com a presença dos adeptos da tática, já que grande parte dos movimentos se dizem contra a violência.

Figura 21 - Print de trecho da reportagem

"A organização difusa pode ser um fator que potencializa o aparecimento dos 'blocs', mas acho que não é determinante", afirma Laryssa Sampaio, membro da coordenação nacional do Levante Popular da Juventude, também da Brasil Popular.

De acordo com Sampaio, o principal motivo do crescimento do número de "blocs" nos protestos é a "repressão policial". A opinião é compartilhada por Boulos. "Nós entendemos que eles não foram os principais responsáveis pelo confronto, e sim o excesso da PM", disse ele.

Já ela diz também que o Levante tem "divergências políticas" com os adeptos da tática por serem contra a violência, mas que, caso esses apareçam na manifestação de domingo, o caminho deve ser o diálogo. "Nós já fizemos manifestações onde eles apareceram, e conseguimos construir um diálogo com eles."

Fonte: Folha de S. Paulo 03/09/2016

A reportagem é finalizada com o depoimento de um manifestante que organizou os protestos ocorridos nos dias anteriores, que afirmou ser totalmente contrário à tática *Black Bloc*, dizendo que seria uma maneira de “desvirtuar” os atos. O ativista disse que, nas manifestações anteriores, a denúncia contra os adeptos à tática para a polícia partiu dos ativistas presentes nos protestos.

Posto isso, a reportagem tratou a temática *Black Bloc* com certa superficialidade, além de ter utilizado de recursos (*hiperlinks*) que corroboram a construção de uma

narrativa única, na qual os manifestantes eram violentos e vândalos. Não houve nenhum tipo de contextualização ou aprofundamento de aspectos gerais sobre a tática ou menção de acontecimentos anteriores. Devido a isso, a partir das contribuições de Rothberg (2014) acerca de abordagens superficiais sobre temáticas de grande destaque na mídia, afirma-se que essa notícia se encaixa no enquadramento **episódicos**.

4.4.2 “Os *Black Blocs* de agora não são os mesmos daquele junho”

Publicado no dia 21 de fevereiro de 2016, por Fernanda Mena e presente na editoria de “Cultura” (Figura 22), o texto é um apanhado geral sobre a tática *Black Bloc* a partir de aspectos histórico-sociais, usando como “gancho” os protestos de 2013 e 2016.

Figura 22 - Print do título da reportagem



The image shows a screenshot of a news article from the website 'ilustríssima'. The title is 'Os black blocs de agora não são os mesmos daquele junho'. The author is Fernanda Mena, and the date is 21/02/2016 at 02h03. Below the title is a social media sharing bar with icons for Facebook, Twitter, LinkedIn, and Email, along with a 'OUVIR O TEXTO' button. A 'RESUMO' section follows, explaining that the term 'black blocs' has become vulgarized since the 2013 protests, but it does not refer to a specific group, rather to a tactic originating in Germany in the 1980s. The article is attributed to Fablio Braga for Folha. At the bottom, there is a photograph of a protest at night with people wearing balaclavas and holding up their hands.

ilustríssima

Os black blocs de agora não são os mesmos daquele junho

FERNANDA MENA

21/02/2016 © 02h03

Compartilhar

OUVIR O TEXTO

Mais opções

RESUMO O termo "black blocs" se vulgarizou a partir dos protestos de junho de 2013 como sinônimo de "vândalos". Ele porém não designa um grupo definido, mas uma tática de manifestação iniciada na Alemanha nos anos 1980, que adquiriu contornos particulares no Brasil nos últimos anos, como explicam estudiosos à **Folha**.

Fablio Braga - 13.dex.13/Folhapress



Fonte: Folha de S. Paulo 21/02/2016

Um recurso importante a ser destacado é o resumo que dá início à matéria, que exemplifica brevemente aspectos gerais sobre a tática (Figura 22), de forma a apresentar a temática para o leitor antes que ele se aprofunde no assunto. Essa breve introdução faz alusão aos protestos ocorridos em 2013 e também à ideia de que os manifestantes eram categorizados como “vândalos”.

Ao longo do texto, são introduzidas falas de especialistas, como a de Esther Solano (Figura 23), que aborda conceitos e definições específicas a respeito do comportamento e do modo de agir dos manifestantes adeptos à tática. São exemplificadas, também, as raízes do movimento com alusão aos ideais anarquistas e marxistas, além da proposta horizontal da estratégia, que visa negar qualquer tipo de liderança ou representação política.

Figura 23 - Print de trecho da reportagem

"Uma coisa é alguém usar a máscara porque se identifica com a proposta. Outra coisa é fazer ação direta contra bancos, por exemplo. Esses são muito poucos", explica Esther Solano, professora da Unifesp e coautora de "Mascarados: A Verdadeira História da Tática Black Bloc" (Geração Editorial, 2014), única pesquisa etnográfica feita sobre o tema no país.

Solano frisa que black bloc é um modo de se manifestar e, portanto, não existe nele a ideia de filiação. Em tese, qualquer um pode se juntar ao "bloco preto".

A tática – uma vez que não estamos falando de um grupo, e sim de uma estratégia – surgiu na Alemanha Ocidental, nos anos 1980, no seio de um movimento derivado do marxismo, do ambientalismo e do anarquismo chamado Autonomen, ou "autonomista".

Esse movimento praticava uma política horizontal, sem lideranças ou representantes, muito próxima da cultura punk e baseada na ideia de que a autonomia individual e a coletiva eram igualmente importantes. Criavam acampamentos ou ocupavam edifícios, que transformavam em casa e local de atividades políticas, os "squats".

Fonte: Folha de S. Paulo 21/02/2016

O texto é organizado em subtópicos que exploram o tema em três eixos principais: popular, polícia e violência. O primeiro ponto esclarece que, durante a emergência da tática em 2013, participar dela se tornou algo popular, sendo que jovens universitários e até funcionários públicos podiam se identificar com a estratégia e usá-la nas manifestações. A ideia da violência-espetáculo é introduzida nas citações do professor

Pablo Ortellado, que explica o contexto em que houve a transição entre manifestações pacíficas até aquelas nas quais o objetivo era a destruição de propriedades privadas (Figura 24).

Figura 24 - Print de trecho da reportagem

Os ativistas contra a globalização, porém, compreenderiam que esse tipo de ação havia perdido sua eficácia –no decorrer do tempo, a violência policial contra manifestantes pacíficos havia se naturalizado aos olhos do público.

"Ativistas adeptos dos protestos não violentos desenvolveram então a tática de destruir a propriedade privada de grandes empresas, o que capturaria a cobertura da imprensa", explica Ortellado.

Segundo o professor, o objetivo das ações não era causar dano econômico grave, mas "promover um espetáculo, quase na chave estética da performance". Essas ações seguiriam sempre determinadas regras, como não atacar pessoas nem pequenos comércios.

Fonte: Folha de S. Paulo 21/02/2016

Em sequência, a temática é discutida na dinâmica de confronto entre manifestantes e a força policial (Figura 25). Solano (2014) apresenta informações referentes às características principais da tática, que é expor a contradição entre a violência ordinária enfrentada no cotidiano pelos ativistas e aquela provocada nos protestos.

Figura 25 - Print de trecho da reportagem

POLÍCIA

Esther Solano relata que, em suas falas, os mascarados brasileiros destacam a origem pobre como fator de engajamento. "Desafiar a polícia é o principal motor desses jovens de hoje porque a relação com a corporação é muito tensa", avalia.

Para o coronel reformado da PM José Vicente da Silva, consultor em segurança pública, "a polícia personifica uma série de asperezas que esses jovens enfrentam na vida, por isso se torna uma espécie de Judas para eles".

Solano, no entanto, argumenta que a motivação que os black blocs locais têm para o enfrentamento com a polícia vai além do simbólico. "Esses jovens dizem que o poder público pouco se importa se eles são esculachados ou mortos pela polícia nas periferias, mas que a resposta é imediata quando se vestem de preto e fazem ações contra lojas e bancos."

Fonte: Folha de S. Paulo 21/02/2016

O texto também tem contribuições de Dupuis-Déri sobre esse contexto, nas quais o autor explica que, em qualquer lugar do mundo, a mensagem da tática será lida de forma superficial, retratando os manifestantes como “baderneiros” ou simplesmente vândalos, mas que os atos e reivindicações levantadas pelos manifestantes são sempre significativos. Em intersecção com as falas dos especialistas, a jornalista reflete que, apesar disso, houve casos em que policiais foram espancados nos protestos de 2013 e 2014, além de pequenos comércios terem sido depredados.

A ideia da violência voltada a alvos específicos é trabalhada no último subtópico da reportagem, que, mais uma vez, apresenta contribuições de Esther Solano, que afirma não serem expressivo os casos de violência promovida “pelos *Black Blocs*”, enfatizando, ainda, que a reação policial é desproporcional. A discussão sobre a atuação dos ativistas munidos pela tática e se os resultados são ou não legítimos a partir desse ideal finaliza a reportagem.

Isso posto, apesar de a matéria não retratar e contextualizar aspectos específicos das manifestações de 2016 e os atos “Fora Temer”, pode-se afirmar que a temática *Black Bloc* fora explorada de forma a abranger vários aspectos que resgatam o histórico da tática e sua correlação com atos passados, de forma que características importantes sobre a estratégia foram analisadas utilizando contribuições de especialistas sobre o tema. Dessa forma, considerando a definição dada por Rothberg (2014) a respeito de abordagens contextualizadas., a reportagem se enquadra na categoria **temáticos**.

4.4.3 “A arma mais forte será ampliar a não cooperação com o governo”

A coluna escrita por Vladimir Safatle (Figura 26), publicada no dia 9 de setembro de 2016, é um texto que aponta, sobretudo, a condescendência do Estado acerca da opressão policial e o contexto político no Brasil nos últimos anos. Os levantamentos feitos pelo autor não indicam foco em um período em específico, nem mesmo nas manifestações de 2016 que ocorriam no ano, mas, sim, a ampliação da discussão sobre os conflitos e disputas que vinham se intensificando devido a diversos fatores, incluindo a violência policial.

Figura 26 - Print do título da coluna

colunistas

vladimir safatle

É professor livre-docente do Departamento de filosofia da USP (Universidade de São Paulo). Escreve às sextas.

A arma mais forte será ampliar a não cooperação com o governo

09/09/2016 © 02h09 - Atualizado em 14/09/2016 às 00h33
 ▲ Erramos: esse conteúdo foi alterado

Compartilhar <0 OUVIR O TEXTO Mais opções

Cada época tem sua imagem. Há momentos nos quais a essência de tempos históricos determinados encontra sua figura sensível. A ditadura militar teve, por exemplo, a figuração precisa de sua barbárie bruta na foto de Vladimir Herzog enforcado em uma cela, com os joelhos dobrados quase no chão. Demonstrava-se, de forma grotesca, o descaso com qualquer princípio elementar de verossimilhança. Isto é essência mesma de um estado policial: um regime no qual você deve acreditar que alguém morreu enforcado, mesmo que sua foto demonstre exatamente o contrário.

Edição impressa

EM COLONISTAS

+ LIDAS	+ COMENTADAS	+ ENVIADAS	ÚLTIMAS
1	Celso Rocha de Barros: Quem vai delatar Bolsonaro?		
2	Eduardo Sodré: Citroën C3 completa 20 anos de Brasil com novo Aircross e pagamento em 72 prestações		
3	Mônica Bergamo: Pop atual tem cantores muito parecidos e 'Anittas aguadas', diz Marina Lima		
4	Painel: Dias Toffoli tende a ficar menos isolado na Segunda Turma do STF		

Fonte: Folha de S. Paulo 14/09/2016

Safatle (2016) afirma que, no Brasil, essa condição é perpetuada com aval da classe política e da imprensa, de modo que os interesses desses grupos sejam defendidos. O texto retoma as manifestações de 2013 de forma a contextualizar os ataques sofridos pelos manifestantes, os quais o autor aponta terem partido da força policial com o uso de bombas e da violência bruta, diferentemente do que viria a acontecer nas manifestações pelo *impeachment* de Rousseff, em que, nessas circunstâncias, a atuação da polícia pareceu ter se tornado amena e compreensiva.

O professor faz menção à tática *Black Bloc* apenas duas vezes durante o texto (Figura 27). Na primeira, ele discute a forma como a imprensa noticia a tática, modo que ele denomina como “insuflar o espantalho”, seguido de uma crítica à Folha de S.Paulo por publicar um editorial no qual definia os manifestantes adeptos da tática como “fascistas”, mesmo depois de uma manifestante ter se machucado gravemente devido à violência policial. Para finalizar a coluna, Safatle (2016) afirma que prefere acreditar que as vidraças de bancos quebradas não sejam mais importantes que os corpos dos cidadãos e faz alusão ao *Black Bloc* mais uma vez, afirmando que a violência exposta pela tática

“só serve para fortalecer o estado atual das coisas” e que, se há mesmo uma recusa pela violência, que ela comece a ser questionada em todos os âmbitos.

Figura 27 - Print de trecho da coluna

Michel Miguel, ao tomar de assalto a república, prometeu ao país a "pacificação". Na sua novilingua isto significa: bomba, bala e "cadeia preventiva". A imprensa pode, pela enésima vez, insuflar o espantalho dos black blocs e auxiliar o governo em sua luta desesperada por não cair. Mesmo esta **Folha** publicou um editorial no qual eles eram comparados a fascistas exatamente um dia depois da estudante Deborah Fabri ter perdido um olho por ação da polícia. Não houve o mesmo tom de indignação com o segundo fato, nem com o fato de um tenente-coronel ter descrito essa violência inaceitável com um singelo: "quem planta rabanete, colhe rabanete".

Prefiro não acreditar que alguém entenda que vidraças de bancos e lixeiras sejam mais importantes do que a integridade física de nossos cidadãos. Por outro lado, que fique claro: a arma mais forte atualmente será ampliar as formas de não cooperação com o governo e de não violência. A violência black bloc só serve para fortalecer o estado atual das coisas. Mas se estivermos realmente interessados em não violência a primeira coisa a fazer é ter uma crítica implacável da violência da polícia, de suas práticas primárias de provocação e de seu comprometimento político-partidário. ★★

Fonte: Folha de S. Paulo 14/09/2016

Nesse texto, é possível afirmar que o autor não discorre sobre a atuação/aparição da tática *Black Bloc* durante os protestos com grande intensidade, exceto quando retoma os acontecimentos de 2013 para evidenciar a atuação repressiva da polícia na época. Portanto, entende-se que o objetivo central da coluna é relacionar aspectos particulares dos acontecimentos no âmbito político do país em uma crítica geral, na qual, em alguns momentos, o foco se torna a perpetuação da violência. A tática *Black Bloc* fora mencionada apenas duas vezes, sempre correlacionada à palavra "violência", de modo a estabelecer uma narrativa de disputa com forças externas. Dessa forma, define-se que essa publicação se enquadra na categoria **quadros de conflito**, que em definição dada por Rothberg (2014), considera que a abordagem corrobora para uma representação contínua de tensionamentos entre os atores sociais, aqui representados pela força policial e “pelos” *Black Blocs*.

Isso posto, o resultado da análise dos oito materiais que compõem o *corpus* da

pesquisa é evidenciado no Quadro 3:

Quadro 3 - Resultado da análise

Veículo	Título	Categoria
El País	<i>Black Blocs</i> , os corpos e as coisas.	Temáticos
	<i>Black Bloc</i> : a tática fugidia que desnorteia e assusta SP	Temáticos
	Atos contra Temer e contra os Jogos	Episódicos
VEJA	Protesto contra Temer termina em confusão em SP.	Episódicos
	<i>Black Blocs</i> vandalizam centro de São Paulo em ato contra Temer	Episódicos
Folha de S. Paulo	Movimentos de esquerda se dizem contrários a tática ' <i>Black Bloc</i> '.	Episódicos
	Os <i>Black Blocs</i> de agora não são os mesmos daquele junho.	Temáticos
	A arma mais forte será ampliar a não cooperação com o governo.	Quadros de conflito

Fonte: A autora.

A partir da análise realizada, é possível afirmar que, durante o período de 2016, no qual o quadro político do país se intensificava com as manifestações “Fora Temer”, os veículos El País, VEJA e Folha de S. Paulo publicaram materiais que retratavam a temática *Black Bloc* a partir das categorias: episódicos, temáticos e quadros de conflito. Dos oito materiais analisados, quatro se enquadram no eixo “episódicos”, que, segundo Rothberg (2014, p. 409), se trata de uma cobertura “superficial a partir de traços extravagantes, pitorescos ou sensacionalistas”.

Três publicações atendem à categoria “temáticos”, denominada pelo autor como uma cobertura a partir de uma abordagem “contextualizada, plural e abrangente” (ROTHBERG, 2014, p. 409).

E por fim, somente uma matéria se encaixa na temática “quadros de conflito”, que é entendida como uma abordagem que retrata “os políticos como eternos personagens em disputa” (ROTHBERG, 2014, p. 409). Nesse sentido, entende-se, de forma geral, que a tática *Black Bloc* foi enquadrada em determinado contexto, a partir dos materiais colhidos, de forma superficial e rasa. As publicações reforçavam certos estereótipos sobre os manifestantes adeptos à tática que vinham sendo perpetuados desde os atos ocorridos em 2013, como o ato da destruição de “patrimônio público” e a violência desordenada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender de que forma a tática *Black Bloc* fora enquadrada durante o ano de 2016 no contexto das manifestações “Fora Temer” nos veículos El País, VEJA e Folha de S. Paulo foi o fio condutor da pesquisa realizada para esta monografia. A partir de discussões históricas, conceituais e políticas que cercam a tática e da análise dos oito materiais que compõem o *corpus* da monografia, conclui-se que tal objetivo foi alcançado.

Para a execução deste trabalho, foi preciso retomar conceitos fundamentais sobre a tática *Black Bloc*, como sua articulação com movimentos antissistêmicos e o anarquismo, além de compreender o contexto político da sua aparição durante as manifestações de 2013. O propósito, com esta monografia, não foi entender a tática em toda sua dimensão e complexidade (se é que isso seja possível), mas sim, criar uma base na qual os conceitos e aspectos principais relacionados a sua atuação pudessem ser apresentados, discutidos e contextualizados, para que, assim, as publicações analisadas fossem entendidas de forma plena.

Assim como apontando por autores no decorrer do texto e também pelos jornalistas que noticiaram a tática no período analisado, “os *Black Blocs*” de 2016 não eram os mesmos de 2013, tampouco os que surgiram durante as jornadas de junho tinham um perfil idêntico ao dos manifestantes nos atos contra a globalização na década de 1990. As constantes mudanças dos ativistas adeptos à tática que protagonizam os atos são uns dos fatores que corroboram para a ideia do que é “ser” *Black Bloc*: não existem regras sistemáticas e uniformes.

Além das contribuições relacionadas a tática *Black Bloc*, foram apresentadas também ideias a respeito das mudanças e incorporações de aparatos tecnológicos na cobertura jornalística dos atos e protestos ocorridos em 2013, momento em que foi possível analisar de forma clara a intersecção desses dois fatores. Dessa forma, abordamos um panorama relacionado à atuação dos veículos de mídia tradicional em detrimento daqueles considerados “midialivristas”, apontando as divergências nos modos de narrar/noticiar sobre os manifestantes adeptos à tática.

Nesse sentido, a partir de tudo que foi apresentado nesta monografia, percebemos a importância de instigar uma discussão a respeito da contínua representação de determinados grupos na mídia brasileira e da forma como essa narrativa contribui para a

criação e perpetuação de determinados estigmas e estereótipos. O resultado da análise expõe que metade das publicações noticiou a tática *Black Bloc* de forma superficial e rasa, atribuindo denominações aos manifestantes como “vândalos”, “arruaceiros” ou simplesmente “destruidores do patrimônio público”.

Claramente, é válido que se discorde da tática. É possível achá-la incoerente ou ineficaz, mas é preciso que se tenha acesso à informação para que o processo de indagação aconteça de forma precisa. Entender é a chave para se questionar. Dessa forma, quando os manifestantes quebram uma vidraça de banco ou revidam ataques policiais de forma violenta, é preciso ouvir a mensagem. No livro *Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc*, Solano (2014), entrevista alguns manifestantes presentes nos atos de 2013:

[...] Porque vocês se acomodam? Você, que tem dinheiro, por que ficam aí? Seu silêncio é vandalismo. É que vocês vivem num mundo diferente? Parece que que vocês estão vendo uma realidade diferente e não enxergam o que está acontecendo”. (SOLANO; MANSO; NOVAES, 2014, p. 103).

[...] Se isso é ser vândalo, eu sou vândalo. Mas vandalismo mesmo é a vida em que eu cresci, vendo meus amigos morrerem, como uma coisa anônima, invisível. Inclusive agora, vendo meus alunos morrerem na periferia. Esse é o verdadeiro crime” (07-09-2013). (SOLANO; MANSO; NOVAES, 2014, p. 95).

Se não se faz violência, não se chama a atenção... Eles não enxergam nossa revolta. É só com violência que o governo escuta. Não sei, é como se fosse um espetáculo. Se a gente quer ser ouvido, vai ter que jogar para o espetáculo. É a única forma de provocar uma reação. Por isso fazemos a ação direta no centro da cidade, na avenida Paulista. Se fôssemos para a periferia ninguém escutaria, nenhum jornal ia junto. Aqui, sim, a gente chama a atenção.” (SOLANO; MANSO; NOVAES, 2014, p. 71).

Os manifestantes querem e precisam ser ouvidos. Em suas declarações, não há renúncia no termo “vândalos”, pelo contrário, tomam para si a descrição. No entanto, chamam a atenção para outros fatores. Afirmam que o verdadeiro vandalismo é a violência estrutural, é a morte de jovens na periferia, é a recusa do Estado em olhar a situação precária em que vivem. A tática *Black Bloc* é provocativa, permite ser analisada sob diversos primas e, concordando ou não com a utilização da tática nos protestos, é

preciso que o jornalismo, em sua função primária de informar, se proponha a olhar para além do óbvio, da perpetuação de estereótipos e de narrativas banais.

Por fim, apresentamos o resultado da análise final com base nas contribuições de Rothberg (2014) referente à teoria do enquadramento, como uma possível fonte de consulta para estudos futuros que se proponham a analisar o enquadramento de determinadas temáticas no cenário midiático brasileiro. Isso porque, tendo em vista que os métodos adotados para a análise das publicações se baseia em critérios pré-estabelecidos, o percurso metodológico pode ser observado e aplicado em outras pesquisas e temáticas.

Esperamos que este trabalho seja combustível para novos estudos sobre a tática *Black Bloc* e que tudo apresentado aqui possa proporcionar um segundo olhar sobre a atuação de jovens ativistas no país.

REFERÊNCIAS

AVELINO, Nildo. **As revoltas de junho no Brasil e o anarquismo**. Blog da Revista Espaço Acadêmico, ano XI. Disponível em: <https://espacoacademico.wordpress.com/2013/07/17/as-revoltas-de-junho-no-brasil-e-o-anarquismo/>. Acesso em 1.jun. 2023.

BENTES, Ivana. **Mídia-Multidão: estéticas da comunicação e biopolíticas**. Rio de Janeiro: Mauad, 2015.

BETIM, Felipe. **Atos contra Temer e contra os Jogos: Sindicatos, partidos e grupos de contestação se organizam em dois protestos. Polícia usou bombas de efeito moral para reprimir grupos 'black blocs'**. [S. l.], 6 ago. 2016. Portal: El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/06/politica/1470434771_044818.html. Acesso em: 1 jun. 2023.

BOLDRINI, Angela. **Movimentos de esquerda se dizem contrários a tática 'black bloc'**. [S. l.], 3 set. 2016. Portal: Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1809940-movimentos-de-esquerda-se-dizem-contrarios-a-tatica-black-bloc.shtml>. Acesso em: 1 jun. 2023.

BRAIGHI, A.A.; CÂMARA, M.T. 2018. O que é Midiativismo? Uma proposta conceitual. In: A.A. BRAIGHI; C. LESSA; M.T. CÂMARA (orgs.), **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. Belo Horizonte, CEFET-MG, p. 25-42. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9861/6991>. Acesso em: 1.jun.2023.

BRUM, Eliane. **Black Blocs, os corpos e as coisas: como os mascarados desmascaram o Brasil do “mais um direito a menos”**. [S. l.], 13 set. 2016. Portal: El País: Opinião. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/12/opinion/1473693538_681813.html. Acesso em: 1 jun. 2023.

BLUME, B. A. **Impeachment de Dilma: uma retrospectiva**. [Florianópolis], 25 ago. 2016. Portal: Politize. Disponível em: <https://www.politize.com.br/impeachment-de-dilma-retrospectiva/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

CASTRO, Luiz Felipe. **Black blocs vandalizam centro de São Paulo em ato contra Temer: Com a justificativa de protestar contra o impeachment, grupo de baderneiros depredou lojas e agências bancárias. Houve confronto com a PM**. [S. l.], 1 set. 2016. Portal: VEJA. Disponível: <https://veja.abril.com.br/politica/black-blocs-vandalizam-centro-de-sao-paulo-em-ato-contra-temer>. Acesso em: 1 jun. 2023.

CASTELLS, Manuel, **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. 3 vols. O poder da identidade. Vol. II. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAMPOS, de Pedroso João. **Protesto contra Temer termina em confusão em SP: O**

ato ocorreu de forma pacífica. No final, em Pinheiros, grupo provocou tumulto. Houve correria e PM atirou bombas de gás lacrimogêneo. [S. l.], 5 set. 2016. Portal: VEJA. Disponível: <https://veja.abril.com.br/brasil/protesto-contratemer-termina-em-confusao-em-sp/>. Acesso em 1 jun. 2023.

DEUSEN, David Van. (2010). **The Emergence of The Black Bloc and The Movement Towards Anarchism: Get Busy Living, Or Get Busy Dying.** In: DEUSEN, David Van; MASSOT, Xavier (Org.). *The Black Block Papers*. Kansas: Breaking Glass Press.

DUPUIS-DÉRI, Francis. **Black Blocs: abaixo as máscaras.** verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol., n. 30, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verve/article/view/36992>. Acesso em: 1 jun.2023.

FOLETTTO, Leonardo Feltrin. Midiativismo, mídia alternativa, radical, livre, tática: um inventário de conceitos semelhantes. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática.** CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 95-110..

FRANÇA, Vera; DORNELAS, Raquel. **O black bloc na mídia: embates discursivos na luta pela construção do simbólico.** Comunicação Pública, [S. l.], v. 11, n. 20, 2016. DOI: <https://doi.org/10.4000/cp.1146>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cp/114>. Acesso em: 1 jun. 2023.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do Império.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

HARVEY, David et al. **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** Boitempo Editorial, 2015.

LUDD, Ned. (Org). **Urgência das Ruas: Black Bloc, Reclaim the Streets e os Dias de Ação Global.** Tradução: Leo Vinicius. Coleção Baderna. Conrad Editora do Brasil. São Paulo. 2002.

MATHEUS, Vitor. **Black Blocs: uma discussão sobre violência performativa e cidadania insurgente.** Revista Três Pontos, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 15-24, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/3177>. Acesso em: 1 jun. 2023.

MARCELINO, Danilo Rosa. **Ação direta: via para a transformação social (1906-1919).** In: XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Brasília, 2017. p. 2-12.

MIRANDA, Guilherme. **Um perfil histórico dos Black Blocs.** [S. l.], 9 mar. 2014. Portal: Folha de S.Paulo. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/03/1422098-um-perfil-historico-dos-black-blocs.shtml?cmpid=menupe> Acesso: 01 jun. 2023

MENA, Fernanda. **Os black blocs de agora não são os mesmos daquele junho.** [S. l.], 21 fev. 2016. Portal: Folha de S. Paulo. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/02/1740873-os-black-blocs-de-agora-nao-sao-os-mesmos-daquela-junho.shtml>. Acesso em: 1 jun.2023.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. **Singularidade e identidade nas manifestações de 2013**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 66, p. 130-159, abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/xKGMvWwqZVJZ49jjvFWBvmD/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 1 jun.2023.

OLIVEIRA, de André. **Black bloc: a tática fugidia que desnorteia e assusta SP: Eles não são um grupo organizado, mudam a cada instante e não cabem dentro de uma caixa**. [S. l.], 13 set. 2016. Portal: El País. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/10/politica/1473461724_961425.html. Acesso em: 1 jun. 2023.

QUEIROZ, Eliani de Fátima Covem. Ciberativismo: a nova ferramenta dos movimentos sociais. **Revista Panorama-Revista de Comunicação Social**, v. 7, n. 1, p. 2-5, 2017. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/panorama/article/view/5574>. Acesso em: 1 jun. 2023.

ROTHBERG, Danilo. Enquadramentos midiáticos e sua influência sobre a consolidação de direitos de crianças e adolescentes. **Opinião Pública**, v. 20, p. 407-424, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/HGq4zkXpLLHBkHWszSRfmPz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 jun. 2023.

ROTHBERG, Danilo. O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia. **Vitrine e vidraça: Crítica de Mídia e Qualidade no Jornalismo**, 2010.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. O que são os movimentos antissistêmicos? **História em Reflexão**, Mato Grosso do Sul, v. 7, n. 13, p. 1-24, jan. 2013. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/2503>. Acesso em: jun. 2023.

SAFATLE, Vladimir. **A arma mais forte será ampliar a não cooperação com o governo**. [S. l.], 14 set. 2016. Portal: Folha de S. Paulo. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2016/09/1811376-a-arma-mais-forte-sera-nao-cooperacao-com-o-governo-e-nao-violencia.shtml>. Acesso em: 1 jun. 2023.

SANTOS, André de Melo. **Movimento antiglobalização: juventude e utopia**. 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

SANTOS, Juliana Santana dos; OLIVEIRA, Pedro Pinto de. **Mídia Ninja, MBL e Black Blocs: Análise Comparativa da Performance e dos Valores Postos em Cena a partir do acontecimento Junho de 2013**.

SOLANO, Esther; MANSO, Bruno Paes; NOVAES, Willian. **Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc**. Geração Editorial, 2014.

WALTER, Nicolas. **O que é anarquismo?** São Paulo: Faísca, 2009.